



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA**

**IDENTIDADES SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES NA HISTÓRIA E NO ESPAÇO
URBANO DA CIDADE DE GOIÁS (2012_2017)**

DHYOVANA DA SILVA CARDOSO

GOIÁS - GO

2017

DHYOVANA DA SILVA CARDOSO

**IDENTIDADES SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES NA HISTÓRIA E NO ESPAÇO
URBANO DA CIDADE DE GOIÁS (2012_2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Exame de Qualificação no curso de História da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Dra. Raquel Miranda Barbosa.

CIDADE DE GOIÁS - GO

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA
CURSO DE HISTORIA

DHYOVANA DA SILVA CARDOSO

IDENTIDADES SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES NA HISTÓRIA E NO ESPAÇO
URBANO DA CIDADE DE GOIÁS (2012_2017)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina para obtenção do título de Licenciatura Plena em História, aprovada em ____ de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes docentes:

Prof.^a. Dra. RAQUEL MIRANDA BARBOSA (UEG)

Presidente da Banca

(Orientadora)

Prof.. Dr. CRISTIANO ALEXANDRE SANTOS

Membro

Prof.^a. Dra. JACQUELINE SIQUEIRA VIGÁRIO

Membro

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me iluminou para que eu fizesse o curso que me realizaria enquanto pessoa, profissional e ser humano, me inspirando para continuar e me dando ânimo e força fora do comum para que conseguisse conciliar trabalho, faculdade, família. Sempre com muita alegria, tive coragem, garra e perseverança.

Dedico também à minha família em especial ao meu Pai que desde criança sempre me incentivou a estudar, queria me ver doutora, falava que eu era especial, que eu era capaz, que eu seria a primeira da família a concluir um curso na universidade e que só traria orgulho pra ele. Minha felicidade em me formar hoje pai é pra você que sempre acreditou em mim, me deu uma ótima educação. O que me tornei devo muito a você. Obrigada por estar comigo. Mesmo com todas suas dificuldades lacunares intelectuais você teve sabedoria, você teve Deus, você me criou pra estudar, emancipar, me criou pra ser independente e ultrapassar meu tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora e amiga, Dra. Raquel Miranda, que pensou, construiu e sonhou tudo aqui feito junto comigo. Você foi uma companheira, um anjo que sempre me encorajou e esteve comigo.

Mãe, Pai, Biro (Dhyorrana) e Rhaylle obrigada por me estimularem e aguentarem variadas vezes mau humor, chatice, discursos, histórias, discussões e choros. Vocês são mais que especiais.

Obrigada Stefany por me encorajar fazendo com que eu não desistisse em meus surtos e crises existenciais.

Obrigada amigos que sempre torceram por mim! Quero agradecer cada cliente que sempre desejou que eu chegasse aqui hoje e que está feliz por minha conquista.

Quero agradecer a todas as pessoas que dividiram seus conhecimentos. Às pessoas entrevistadas, pela disponibilidade e felicidade em conversar comigo. Também agradeço aos que disponibilizaram as imagens e documentos tão importantes para o bom desenvolvimento do trabalho. Muito obrigada a Laura que leu e formatou a versão final.

Foram pequenos detalhes, às vezes frases, abraços, sorrisos que me estimularam, me alegraram e me fortaleceram para que estivesse aqui hoje! Muito obrigada de coração a todos vocês!

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas sempre me acrescentam e me fazem ser quem eu sou

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”.

(Cris Pizzimenti)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo lançar luz a pessoas e histórias que foram deixadas à margem na historiografia tradicional, buscando dar representatividade estes sujeitos bem como discuti-la. Pensaremos o centro histórico como espaço permeado por oficialidades e consagrado por tradições. Existem ali variados sujeitos e uma gama de histórias que se interconectam a ele. Como exemplo prático da tentativa de incluir minorias e ao mesmo tempo levar vida aos espaços museais, analisaremos a exposição temporária que ocorreu no Museu das Bandeiras da cidade de Goiás (MUBAN) intitulada: Sim, estamos vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural. Esta exposição deu lugar e espaço de fala para pessoas convencionalmente “desimportantes”, como também evidenciou a pluralidade de sujeitos, hábitos e modos existentes na cidade de Goiás. Por fim, são inseridas novas pessoas com entrevistas e análises documentais com o objetivo de valorizar o outro, demonstrando a importância de cada um.

Palavras chaves: representação, sujeitos, histórias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Cartaz de Divulgação da exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, 28/09/2012.....	40
Figura 02 - Roda de conversa, realizada durante a exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, 28/09/2012.....	42
Figura 03 - João Gambá, 2012.....	43
Figura 04 - Identidades em questão, 2012.....	44
Figura 05 - Banner da exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, 2012.....	45
Figura 06 - Leona, 2012.....	48
Figura 07 - Irani José dos Santos, 2017.....	50
Figura 08 - Fabrício participando do grupo Rosário de Cajá, 2017.....	51
Figura 09 - Olevânio, Centro, 2017.....	58
Figura 10 - João Luiz, Centro, 2017.....	62
Figura 11 - Certidão de Nascimento da Maria Abadia.....	64
Figura 12 - Documento de identidade e comprovante de residência de Maria Abadia.....	65
Figura 13 - Reportagem sobre Maria Abadia.....	66
Figura 14 - Maria Abadia, 2015.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 TEMPO, HISTÓRIA E CULTURA: releituras do passado/presente na cidade de Goiás.....	15
1.1 Revisitar Conceitos, Construir o Objeto: a história urbana em foco.....	17
1.2 A Cidade de Goiás: um lugar de tradições.....	20
1.3 A patrimonialização da Cidade de Goiás: reconstruindo origens.....	25
2 UM OLHAR PARA O DIVERSO: a outra face da Cidade de Goiás.....	32
2.1 A Fotografia Como Documento Histórico: análise e interpretação.....	33
2.2 O Museu e as Representações Urbanas: contribuições museológicas na Cidade de Goiás.....	36
3 PAISAGEM URBANA: ressignificando a imagem da cidade-patrimônio.....	53
3.1 Adoçando o dia a dia de pessoas: Tio do Algodão doce uma história de luta, amor e dedicação.....	54
3.2 O gostinho especial da praça do coreto: a pipoca de João Luiz o pipoqueiro que se fez ali.....	59
3.3 Badiinha mulher autônoma e decidida, personagem marcante na história da cidade.....	62
4 CONSIDERAÇÕES	70
FINAIS.....	
FONTES.....	74
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca rediscutir as representações sociais sobre sujeitos históricos que por muito tempo se mantiveram ofuscados ou excluídos pelas tradições que se ressaltam, ainda na atualidade, na Cidade de Goiás.

Repensar esses personagens em meio a um espaço simbolicamente construído para demonstrar poder objetiva ressignificar, histórica e socialmente, a ocupação do espaço central da antiga capital do Estado de Goiás. Nos trânsitos culturais e representativos mostrar como o centro histórico da cidade pode ser visto por meio do olhar de atores sociais que estão aquém das narrativas da tradição é um modo de refletir sobre o significado dessa parte da cidade por outras vozes, praticas, fazeres e saberes sobre a identidade local.

A relevância está também no fato de serem esses sujeitos representantes do passado, na maioria das vezes marginalizados pelas oficialidades que sobrevivem nos monumentos e na arquitetura colonial do século XVIII. Num espaço urbano onde ideias e comportamentos tradicionais são eternizados, os “maus costumes”, é um ponto que aguça essa discussão que visa aprofundamento nesse estudo, pensando a apropriação do espaço por outras representações à margem da história e das tradições vilaboenses.

Nesse sentido será analisada uma exposição temporária que ocorreu no MUBAN, intitulada: Sim, estou vivendo, registros fotográficos de uma sociedade plural, inaugurada durante a 6ª Primavera dos Museus (2012), evento promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em comemoração ao início da primavera. Nessa exposição grupos marginalizados, segregados, foram homenageados, tendo visibilidade e valorização enquanto seres humanos que ocupam este espaço oficializado por tradições.

Evidenciar a presença de personagens que, por algum tempo estiveram ausentes das narrativas tradicionais que se consolidaram no centro histórico vilaboense é repensar o passado e, a partir daqueles que de fato foram silenciados pela história urbana da localidade. O convencional, tradicional vai aos poucos se desnaturalizando. Analisar a convivência dessas pessoas com a sociedade no geral requer sensibilidade, humanizar-se, para que possa ver o outro com dignidade reconhecendo-o como humano contribuinte da história da localidade que pertence.

A delimitação temporal é de 2012 ano da exposição, até 2017, data em que se comemora 16 anos de tombamento mundial da cidade de Goiás e por conter entrevistas feitas nesse período. O ano de 2012 marca a redefinição de identidades urbanas em Goiás. A exposição de Girlene Bulhões traz valorização e visibilidade a grupos e pessoas que de

maneira direta ou indireta sofrem algum tipo de preconceito ou segregação. Com a comemoração de 16 anos de tombamento mundial da cidade de Goiás restam dúvidas: Onde essas identidades estão? Que espaço elas ocupam? Quais suas mobilidades dentro do centro histórico?

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro intitulado: TEMPO, HISTÓRIA E CULTURA: releituras do passado/presente da Cidade de Goiás, pretende discutir o conceito de tempo dentro da ótica de formação da cidade de Vila Boa, pleiteando o que é uma cidade, como se dá seu contexto cultural, social, econômico e como a mesma tornou-se um lugar de tradições cristalizadas, naturalizadas (que na maioria das vezes não são vistas como construções que decorrem de processos históricos). Por consequência será analisada a patrimonialização da Cidade de Goiás, reconstruindo as origens, os mitos, heróis, personagens homenageados, buscando conhecer qual herança é tida atualmente, para que a partir disto possam ser discutidas outras identidades, no caso, as minorias que se apropriam dos mesmos espaços. O primeiro capítulo tem caráter teórico e de problematizações.

Teóricos tais como Pesavento, abordam o conceito de cidade em sua formação que ultrapassa apenas materialidades e edifícios, pensando sociedade, pessoas, culturas, relações mútuas e contínuas. Essa concepção interessa pelo fato que o trabalho busca agentes e histórias. Koselleck traz a noção de tempo e relações, para pensarmos as diferentes temporalidades, nas quais vem embutidas construções e determinações do que seria correto, agradável, de uma verdade consolidada. É no espaço entre a experiência vivenciada e a expectativa do que se almeja, que se dá a construção do tempo, influenciado pensamentos, ações e ideologias.

Stuart Hall discute identidades para que se possa pensar na multiplicidade delas, e em como acabam influenciando umas às outras. Somos seres em construção, dinâmicos e fragmentados formando um todo heterogêneo, Chartier vem discutindo representações e chamando atenção de que estas estão na sociedade em disputa. É necessário observar esse jogo que tem como objetivo a imposição de uma representação sobre a outra, o que influencia na construção de todo um imaginário e de costumes dominantes.

Wilson Assis será usado para que se perceba a construção histórica da cidade, como ela se deu, às custas do que, e porquê. Para complementar a discussão, traz-se Delgado, que juntamente com outros teóricos discute as tradições e os lugares de memória, o patrimônio e também o que é ser vilaboense. Nesse mesmo capítulo é usado o Dossiê para embasar discussões que mostram a história oficial, institucionalizada, o que está de fato na memória e presente na vida das pessoas.

No segundo capítulo intitulado: UM OLHAR PARA O DIVERSO: a outra face da Cidade de Goiás; buscou-se mostrar a diversidade de identidades que compõe esse espaço urbano, pessoas que se contrastam, desviam-se de qualquer forma do padrão socialmente exigido. Este capítulo debruça-se sobre a exposição: Sim, estou vivendo, registros fotográficos de uma sociedade plural, feita por Girlene Bulhões, analisando como a fotografia pode ser um documento histórico, e como a análise, interpretação e discurso desse tipo de documento podem ser usadas em diferentes abordagens. Nessa perspectiva aparecem as contribuições na área da nova museologia, que busca incluir as minorias, para que a partir desses debates seja possível entender o trânsito identitário na cidade de Goiás no espaço de poder.

Teóricos como Muniz serão usados para discutir como cada povo acaba por definir seus costumes como naturais, justos e bons, desqualificando os costumes diferentes como bárbaros, exóticos, estranhos, maléficos, imorais. Gera-se então uma rotulação do que é o correto, conseqüentemente uma segregação daquilo que foge ao padrão. Batista ajuda a tangenciar sobre a fotografia como ato permanente de fragmentação com elementos de uma determinada realidade em um plano. Desta maneira, compreender o que se esconde no subterrâneo das imagens requer métodos específicos e imaginação.

Barbosa discute que as imagens fotográficas podem ser entendidas como testemunhas que capacitam o historiador a aproximar-se da experiência do real a fim de dar-lhe um sentido. Nessa perspectiva, as imagens servirão também para dar rosto às pessoas, dar identidade e demonstrar por meio delas sensibilidades, sentimentos, práticas, alegrias em seres diversos.

A exposição em foco no segundo capítulo ocorreu num espaço tradicional e consagrado da cidade de Goiás que é o MUBAN. Por esse motivo fez-se necessário discutir sobre inovações no campo da museologia já que tal acontecimento mexe com estruturas e mentalidades cristalizadas sobre o lugar de cada um e a utilidade museal. Santos fala sobre a Sociomuseologia, “corrente teórico-prática que se preocupa e se compromete com a redução das desigualdades e injustiças sociais, é responsável por tornar os museus um espaço vivo e, também, habitado pelas minorias”. Boaventura de Souza Santos tangenciara esse assunto, mostrando toda hierarquização, num processo que através de imposições representativas culturais cria-se uma verdade com interdito que será rejeitado e com justificações.

A fim de compreender as intenções da exposição, o que ela significou tanto para a mentora, quanto para a sociedade e para os homenageados, bem como a fim de conhecer um pouco das histórias e sentimentos dos homenageados e a relação entre as minorias e os

espaços de poder na cidade de Goiás, foram entrevistadas pessoas que de alguma maneira participaram da exposição: Girlene Bulhões; Milena Curado (que participou assistindo à exposição) e, ao final; alguns dos homenageados.

O terceiro capítulo – PAISAGEM HUMANA: ressignificando a imagem da cidade-patrimônio, tem o objeto de repensar, ressignificar (como parte do título diz) essa cidade patrimônio que é Goiás, englobando mais que antigas tradições e personagens sempre lembrados e eternizados. Com intuito de dar continuidade ao trabalho de Girlene Bulhões, olha-se para vida cultural na Cidade de Goiás, mapeando os fazeres diferenciados nesse espaço. Usando ainda fotografias, mostraremos as imagens cotidianas de (in)visíveis da história, outras identidades que chamam atenção pela maneira peculiar que vivem.

Nesse último capítulo serão inseridos outros personagens ao debate sobre os olhares que podem ser lançados às representações sociais na cidade em que a tradição é reconhecida como Patrimônio da Humanidade. O tio do algodão doce, o tio da pipoca e “Badiinha” personagem folclórica da cidade são pessoas simples que estão todos os dias no cotidiano social, sendo de fundamental importância a busca de suas histórias. Seus tipos e modos de levar a vida chamam atenção, são pessoas conhecidas, mas pouco exploradas no sentido de saber um pouco mais de onde vieram como se sentem na cidade.

Pretende-se com isso evidenciar a importância e o valor do outro. Pois estamos em permanente construção e aprendizado, sendo assim o diferente tem muito a contribuir, a ensinar. As pessoas são acúmulos de experiências, vivências, momentos e sensibilidades. Conhecer a história do outro é importante para que possamos nos tornar mais humanos e nos relacionarmos de maneira profunda com as humanidades. Apaixonar-se por histórias significa amar o outro, o diverso e compreender cada qual em suas trajetórias, alegrias e emoções.

1 TEMPO, HISTÓRIA E CULTURA: releituras do passado/presente na cidade de Goiás

Uma cidade qualquer, por mais ou menos populosa que seja, muito ou pouco tumultuada na sua vida cotidiana, assemelha-se, às vezes, a nós todos, em diferentes pontos.

(Octo Marques)

Tendo em mente que a História é principalmente o estudo das atividades e produções humanas ao longo do tempo, concebe-se este último como também produto dos indivíduos. É através do tempo que os sujeitos se situam e determinam suas ações, sendo importante destacar que cada cultura tem uma maneira específica de ver o tempo. Nessa perspectiva, como abordam Silva e Silva (2009), as principais percepções de tempo são: cíclica e linear. O tempo cíclico é aquele que o fim é sempre um começo, o que significa que o universo não tem começo nem fim. Já a percepção histórica de tempo linear defende um único começo para o mundo, para história pensada a partir de um único final.

Na contramão desta perspectiva, é imprescindível quando se propõe analisar cultura e representação, especialmente, na Cidade de Goiás, historicizar o contexto temporal relativo à formação e ocupação desta que foi, entre o século XVIII e os anos de 1930, sede do poder político e administrativo do atual Estado de Goiás. Por isso, compreende-se que a experiência histórica é algo diverso, descontínuo, multifacetado. Considerando os tempos bandeirantes até a atualidade, a cidade foi se fazendo e se refazendo do ponto de vista da identidade urbana por meio das experiências temporais. Nesse sentido, apropriamo-nos do conceito tempo de Koselleck (2006) que leva em conta a perspectiva de permanência e simultaneidade pensada:

(...) A um tipo de determinação temporal que, sem dúvida, é condicionada pela natureza, mas que também precisa ser definida especificamente sob o ponto de vista histórico. Se contemplarmos o conjunto dessa cadeia de eventos, isso nos levará a um processo de determinação e a uma doutrina de épocas, as quais, conforme o domínio específico visado, podem configurar-se de uma maneira completamente diferente, ou mesmo justapor-se umas às outras. (...) Todos os testemunhos atestam como a experiência do passado foi elaborada em uma situação concreta, assim como a maneira pela qual expectativas, esperanças e prognósticos foram trazidos a superfície da linguagem. De maneira geral pretendeu-se investigar a maneira pela qual, um determinado tempo presente, a dimensão do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro. (...) No processo de determinação da distinção entre passado e futuro, ou, usando-se a terminologia antropológica, entre experiência e expectativa, constitui-se algo como tempo histórico. (KOSELLECK, 2006, p.15-16)

Partindo desse pressuposto pretende-se lançar luz aos aspectos sociais “invisibilizados” pela história oficial no que se refere aos atores constituintes do *fazer*, saber e resistir na Cidade de Goiás, principalmente em um espaço ocupado pelas oficialidades urbanas sejam elas material (arquitetura colonial) ou imaterial (tradições orais e práticas religiosas). É por esse raciocínio que as problemáticas desse estudo ganham relevo, pois repensar as representações do presente na paisagem histórica vilaboense¹ tem o propósito de dar visibilidade àqueles que, por sua vez, aparecem recuados das narrativas que predominam como *verdades* sobre cultura e a sociedade na antiga Vila Boa. Esse estudo trata-se de uma possibilidade tangível ver/sentir a ressignificação social do *centro* histórico da Cidade de Goiás, algo que, a nosso ver, não é uma novidade, apenas um tempo favorável para que sejam percebidos entre o passado e presente.

Quando Koselleck (2006), diz que o passado e a história podem ser usados para legitimar ações do presente, percebe-se a importância da análise minuciosa do que se conta e é afirmado pela historiografia tradicional, o que estes pretendem preservar, quais são os nomes sempre ditos e repetidos incansavelmente, contrastando-os com as novas investigações e questionamentos que se fazem ao mesmo fato. Para tanto, tem-se hoje a percepção de cultura como tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Falam-se de culturas, no sentido que são várias que compõe o mundo, umas relacionam-se com as outras; cada qual com seu modo de portar e agir em sociedade.

É natural que ao se deparar com pessoas de cultura diferente, aconteçam choques culturais pautados sob a perspectiva da afirmação da identidade por meio da diferença². Esses “choques” podem acontecer entre indivíduos ou entre sociedades inteiras, nesse caso provocando transformações em ambas as sociedades. Especificamente na América, os colonizadores promoveram um tipo de aculturação, onde houve a imposição da cultura dos povos colonizadores sobre a dos nativos. Imbuídos por uma época impregnada de ideias de cunho progressista e etnocêntrica, os europeus balizavam suas ações de conquista por esses parâmetros, cuja percepção baseava-se na universalidade, superioridade e empoderamento simbólico e militar do dominante em relação ao dominado.

Não diferente deste contexto, as incursões pelo centro oeste brasileiro, ainda no século XVIII, fundaram a Cidade de Goiás. A historiografia goiana demonstra que, no auge do ciclo

¹ Termo utilizado convencionalmente para os nascidos na cidade de Goiás.

² Segundo Stuart Hall, somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (2002, p.75).

do ouro, a experiência cultural entre bandeirantes, índios, europeus e africanos se deu por meio de um jogo baseado na inferioridade e superioridade responsável por um longo e denso período colonial, cujas marcas permanecem visíveis à sensibilidade hermenêutica deste estudo que objetiva “quebrar” o regime das oficialidades urbanas e mostrar a cidade vista por personagens antes invisíveis às representações da paisagem cultural vilabelense vista de cima para baixo.

1.1 Revisitar Conceitos, Construir o Objeto: a história urbana em foco

A construção de uma cidade pressupõe, antes de qualquer coisa, a ação direta do homem na natureza. Nesse sentido, reconstruir é algo inerente a essa relação e aos interesses que motivam a permanência nos centros urbanos que, paradoxalmente, se reorganizam sobre o que Pesavento (2007) define como a origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Enfim, as necessidades humanas que se redefinem e se reclassificam ao longo dos tempos.

Em se tratando de um espaço permeado pela sensibilidade, podendo ser representado pela música, pela palavra tanto escrita como falada, pela arte e suas representações explora-se a percepção do imaginário e afirma-se que as cidades podem ser sonhadas, desejadas, temidas ou odiadas e, por isso, são vistas pela pensadora como maneiras de qualificar o mundo em que vivemos. Assim, ao se escrever sobre esses espaços, é importante reunir dados sobre as origens e possível mito fundador, pois a cidade é território de múltiplas criações, inclusive, o capital simbólico, ou seja, a produção cultural (PESAVENTO, 2007).

É justamente neste campo que se observa o dinamismo da cultura e dos grupos sociais. Nesta direção, Pesavento (2007) faz uma reflexão para além da materialidade da cidade e mostra possibilidades de enxergá-la com base em expressões sensíveis, embutidas em diferentes valores e legados que se entrelaçam na ambivalência das temporalidades que, neste caso, se cruzam.

Portanto:

(...) a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao

sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais(...). Com suas ruas movimentadas, o povo a habitá-la, a mostrar sua presença e também a sua diversidade, em imagens ora ternas, ora terríveis de contemplar(...) (PESAVENTO, 2007, p.12-13).

Temos, em boa medida, análises que esclarecem os diversos olhares a serem lançados para as cidades. Um misto de povos, de gente que se cruzam nas ruas, em suas relações cotidianas, buscando uma maneira de adaptar seus costumes num mundo em comum. Percebe-se que no que se refere à sociabilidade, Pesavento (2007) discute a produção de imagens e discursos relevando a percepção de emoções e sentimentos permeados pela vivência urbana e, portanto, agentes que revelam variadas emoções tanto individuais quanto coletivas expressando subjetividades constantes. Cria-se nas cidade categorias de cidadão e excluídos que evidencia as diferenças percebidas no espaço urbano. O lugar de cada um, a invenção de tradições e espaços consagrados tornam-se dimensões tangíveis.

Ao observar determinada realidade, a historiadora (PESAVENTO, 2007) diz que a partir do discurso legitimado se pode falar em progresso ou atraso; distinguir o velho do antigo, construir a noção de patrimônio e meios de preservação. É na cidade o lugar que se cria várias identidades, onde grupos de pessoas se identificam, unem-se por várias causas, alguns com objetivos de anulação de outros, que por suas razões criam formas de resistir ao sistema que os segregam. Neste caso, cria-se um discurso para fundamentar, justificar e perpetuar mentalidades que, de certo modo, servem aos interesses do que se quer lembrar ou esquecer tanto no âmbito da memória urbana quanto das representações que partem dela.

Em relação à Cidade de Goiás, ao final dos anos de 1990, foi produzido um documento que ficou popularmente conhecido como Dossiê de Goiás (1999), legitimando o tombamento patrimonial da cidade, que acaba por ocorrer em 2001. No anexo IX, desse Dossiê, percebe-se que a história oficial sustenta a representação da cidade que foi epicentro do poder político e cultural do estado de Goiás. Mas, é importante considerar que os “invisíveis” deste discurso, são parte integrante do que se vê na paisagem tombada. Assim, entende-se que a herança simbólica não perpassa pela pluralidade cultural intrínseca às formações urbanas coloniais como é o caso do espaço urbano em discussão. Predominantemente, identifica-se tanto no Dossiê de Goiás(1999) quanto na tradição oral, discursos que se baseiam nas representações construídas sobre realidade europeizada.

Segundo Pesavento (2007) a oralidade enraíza-se com maior facilidade, aos modos de dizer a cidade. O testemunho torna-se, em partes, sobrevivente da memória que ultrapassa as

temporalidades, mas que, ao mesmo tempo, se reconstrói entre mosaicos. Sobre essa questão a historiadora afirma:

Nesse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma *cara* e um *espírito*, um *corpo* e uma *alma*, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a *sua* cidade (PESAVENTO 2007, p.18).

Constata-se que a cultura se forma como conjunto de significados partilhados e construídos pelas pessoas para explicar o mundo, isto é, uma forma de expressão e tradução da realidade também de maneira simbólica. Desta maneira a representação e consequentemente o imaginário são matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos que dão coesão e explicação para realidade que por sua vez, se conecta com a identidade tanto do indivíduo quanto de um grupo. Portanto, representar é um dos recursos mais comuns utilizados para dar sentido ao mundo.

O Dossiê de Goiás (1999) evidencia que em pleno século XX, as tradições foram vistas consensualmente pelos agentes de cultura que a Cidade de Goiás descendida e/ou descende desta matriz. No trecho a seguir corrobora-se com a afirmação anterior:

(...) A cidade propicia, através de seus espaços urbanos e edificações, uma leitura de todas as épocas atravessadas por sua história. Esses registros materializados constituem um testemunho importante dos diferentes momentos da colonização. Ao longo do tempo, atestam o apogeu e o declínio da mineração, presenciam a pecuária, resistem aos conflitos decorrentes do surgimento de Goiânia e de Brasília, e até se submetem às modificações impostas pelos tempos, sem perder sua integridade histórica (DOSSIÊ DE GOIÁS, 1999, anexo II, Goiás: história e cultura, CD-ROOM, slide 06).

Ainda pensando teoricamente o tema, para Chartier (1988):

Seria necessário analisar as representações sempre num campo de concorrências e competições, cujos desafios estão em termos de poder e dominação. As lutas das representações para o autor tem tanta importância como as lutas econômicas. Para compreensão dos mecanismos pelos quais o grupo se impõe ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são seus e consequentemente seus domínios (CHARTIER, 1988, p.17).

A análise das representações possui, ao mesmo tempo, condições para demonstrar que a exteriorização da internalização simbólica de tais lutas seriam capazes de comandar, influenciar atos, algo decisivo dentro das estruturas de relações objetivas de um espaço social histórico. Sinteticamente, o teórico (CHARTIER, 1988) considera o campo das

representações como sendo realidade de múltiplos sentidos. Aplicam-se aos signos, aos atos, aos objetos, as figuras intelectuais e/ou as representações coletivas; seriam então todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação.

Tudo aquilo que as pessoas selecionam como importante traduz identidade, pertencimento, aquilo que existe em seu interior, podendo ser exteriorizado de maneira material ou simbólica. A identidade do ser, segundo Chartier (1988), não é outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não existe a não ser no signo exibido.

Com a visibilidade universal do título de “Patrimônio da Humanidade” é preciso se repensar a perspectiva da identidade urbana construída, oficialmente. Nesse sentido, convém expor o seguinte fragmento:

Espero que seja explorada artisticamente e educacionalmente. São vocações da cidade. (...) Gostaria que mudasse a mentalidade de algumas pessoas ou famílias que insistem em descaracterizar o que é de mais próprio da cidade: seu caráter colonial. (...) que não mudasse as manifestações culturais e nossas tradições folclóricas e religiosas. Não gostaria que mudassem (CAIADO, Brasilete Ramos apud Dossiê de Goiás, anexo IV, Entrevistas Selecionadas, 1999, CD-ROOM).

É possível se perceber com base em determinado fragmento que muitas pessoas priorizam conservar culturas e tradições de origem da cidade, acabando por valorizar elementos oficiais da cidade, que se estruturaram no decorrer dos anos com apoio da população que valoriza e preserva tradições folclóricas, religiosas, educacionais e históricas que foram cristalizado. Um espaço urbano permeado por lugares e história de memórias, que determinam nomes, lugares que constroem toda uma narrativa do oficial, do belo, do correto das vantagens de todos os acontecimentos contados para a cidade.

Nessa perspectiva o trabalho pretende mostrar outros personagens, novas identidades que permeiam o espaço da cidade. Quando se fala em personagens abordam-se pessoas diferentes, que são de certo modo segregadas, mesmo que em um espaço comum; por agir, pensar e verbalizar uma visão de mundo singular. Estabelecer relações, interconexões um com o outro é necessário para que percebamos as múltiplas identidades sociais dentro de um mesmo espaço social bem a formação e pluralidade das identidades representativas inerentes ao espaço urbano.

1.2 A Cidade de Goiás: um lugar de tradições

Desde a fundação da Cidade de Goiás até o seu reconhecimento como patrimônio da humanidade temos um lapso temporal de longa duração que seria impossível reconstruir neste estudo. Contudo, pensar representativamente o viés social, é o que se propõe realizar e, por isso, revisitar aspectos gerais trazidos pela historiografia goiana é imprescindível.

Segundo Assis (2009), para os que moravam no litoral, “os sertões eram terras de índios que fugiam da colonização ou de poucos aventureiros que, relegados à pobreza, ou por impulso da Coroa, percorriam as imensidões dos territórios em busca do ouro” (p.18). Dessa forma, o centro-oeste brasileiro passou a ser visto como um lugar de aventuras, incertezas e, porque não, glórias e enriquecimento.

Durante a Era Vargas (1930-1945) as imagens relativas aos bandeirantes evocam sentimentos de heroísmo, da condição de desbravador do sertão, de portador da missão catequética e civilizatória da colonização portuguesa. E, na contramão dessa visão, esquece-se do aspecto trágico oriundo do encontro entre a cultura branca e a indígena, da relação conflituosa e da mortalidade dessa população de tronco étnico diferente do tronco étnico dos colonizadores. Foi a partir desse encontro que se criou um espaço permeado por violentos atritos e trocas desiguais que acabaram marcando a história desses povos. Assis (2009), afirma:

O branco europeu, cristão e capitalista, defrontava-se com a comunidade indígena “primitiva”, igualitária e guerreira, privando-lhes das terras e dos rios essenciais à sua sobrevivência. Na colonização portuguesa, a cobiça, o lucro e a acumulação moldavam o espaço conforme suas necessidades, buscando legitimar suas ações através da missão evangelizadora, por vezes, sinceramente assumida por alguns dos agentes da colonização (ASSIS, 2009, p.38)

A aventura bandeirante ocasionou inúmeros saldos negativos entre as comunidades indígenas. Segundo estudos na área³, foram vitimadas com dizimação física e cultural, o que significou, também, o silenciamento de suas influências, hábitos e culturas não apenas no Brasil Central, mas no país como um todo. Conforme Ataídes (2006), embora seja difícil precisar o tamanho da população existente na região, havia no estado de Goiás um variado número de etnias indígenas, estas sim, são as pioneiras quanto à ocupação de Goiás, inclusive na região do Rio Vermelho.

O descobrimento das primeiras minas foi responsável por implantar o sistema colonial mercantilista ficando, mormente na atividade mineradora, que canalizava para metrópole os

³ Para compreendermos melhor sobre esse tema, buscamos fundamentar essas análises afirmativas no artigo escrito por: ATAÍDES, Jézus Marco de. A chegada do colonizador e os Kayapó do Sul. In: *Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural*. MOURA, Marlene Castro Ossami de (coord.) Goiânia: Ed. Vieira/Ed. Kelps, 2006.

maiores dividendos. Goiás, cidade e região, ficariam desta maneira, completamente subordinada aos mandos e desmandos do litoral por meio da Capitania de São Paulo. A implantação da mineração ocasionou mudanças significativas tanto no aspecto geográfico quanto administrativo e cultural. Neste contexto, surgem diversos arraiais, dando lugar à estruturação capitalista do espaço se consolidaria e adquiriria outros contornos urbanos. Isso expõe algumas das questões latentes relacionadas ao desenvolvimento das cidades goianas, referentes ao empoderamento dos espaços e às representações que as identificam ainda nos dias de hoje (ASSIS, 2009).

Sobre o povoamento dessas regiões, sabe-se que aconteceu motivada por interesses econômicos próprios, de forma desorganizada, dispersa, precária, instável, sem qualquer tipo de planejamento. Sublinha-se em Assis (2009), uma justificativa oportuna para se compreender a lógica do poder que, de algum modo, se espalhou para as subjetividade e simbolismos em relação à paisagem urbana em estudo que, em comparação com outras povoações correlatas, logrou êxito em suas permanências pelo seguinte motivos:

Arraiais surgiam a centenas de quilômetros uns dos outros, cercados por um mar de sertão e interligados por vias precárias de comunicação [...]. Desapareciam tão logo o ouro escasseava, restando apenas um rastro de degradação ambiental e decadência. Somente as minas mais ricas lograram constituir núcleos de povoamento mais estáveis e duradouros (ASSIS, 2009, p.34)

É certo que o ouro trouxe êxito para a densidade demográfica dos arraiais. Todavia, com relação ao Arraial de Sant`Anna, as mudanças político-administrativas são consideradas determinantes para ascensão à condição de sede da Capitania de Goiás, fundada de acordo com os seguintes termos:

Dom João por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de Guine. Faço Saber a Vós Conde de Sarzedas Governador e Cappitam General da Cappitania de Sam Paulo, que Eu Sou Servido por Resolução de 7 do prezente mez e anno em Consulta do Meu Concelho Ultramarino passey as Minas de Goyaz e nellasdetreminey o Citio mais apropriado para huma Villa[ilegível] mais Saudavel e com provimento de boa agoa e tenha perto de algum Arrayal que se ache ja estabelecido para que os moradores delle possão com mais comodidade mudar a Sua habitação para a Villa, e logo determine y nellas o lugar da Praça no meyo e a qual se levante o Pelourinho, este assignale a Área para o Edifício da Igreja capaz de receber competente numero de Freguezes ainda que a Povoação se aumente, e que façaes deleniar [delinear] por Linhas erectas a Área para as Cazas com seus quintaes, e se designe o Lugar para se edificarem a Caza da Camara, e das Audiencias, e Cadea, e mais Officinas publicas que todas devem ficar na área detremendada para as Cazas dos Moradores as quaes pello exterior Sejão todas no mesmo perfil, ainda que no interior as fasa cada hum dos moradores a Sua eleição, de sorte que em todo o tempos e concerve a mesma formatura da terra, e a mesma

Largura das ruas, e junto da Villa fique bastante terreno para logradouro publico (..) ⁴.

A redação desse documento traz, em boa medida, que as intenções de comodidade, pensadas para a alteração na paisagem da recém-criada vila, tiveram implicação com os horizontes vislumbrados pelos portugueses nessas terras⁵. Sendo assim:

Aos 25 dias do mês de julho de 1739, nesta Vila Boa de Goiás, onde veio o Exm^o Sr. D. Luiz Mascarenhas, general desta capitania, em virtude da ordem de S.M remetida ao Sr. Exm^o. conde de Sarzedas; seu antecessor, para efeito de erigir uma vila nestas minas, havendo, eleitas as justiças e declarados pelo Dr. superintendente geral. Agostinho Pacheco Telles, juízes ordinários Antônio Dias da Silva e Antônio Brito Ferreira, vereadores Thomé Gomes Mazagão e Antônio Xavier Garrido, o procurador João Lopes Zedes, e em seu lugar Antônio de Brito Rabelo, sendo escrivão da câmara Miguel Carlos, levando o estandarte dela Ignácio Dias Paes, foi mandado pelo dito Sr. general que todos os ditos com nobreza e povo da dita vila, a que ele acompanhou, fossem levantar pelourinho, ao lugar destinado, junto do arraial, a que em nome do Rei deu o nome de Vila Boa, e todos concorreram para o levantamento do pelourinho, que com efeito se levantou: de que para constar fez este termo, que assimou Exm^o. general, superintendente e câmara. E eu Antônio da Silva Almeida, secretário do governo que o escrevi (ALENCASTRE, 1863, p. 72).

Sob a égide do primeiro governador Dom Luiz de Mascarenhas, concretizou-se o projeto. A destinação aos primeiros “donatários” das minas goianas - o clã Bueno da Silva - aconteceu com pompa e formalidades. Estes homens, designados para as funções de gestão dos interesses reais, cumpriram o papel de intervir no território subsidiado pela existência do ouro, o que justifica a dominação, com interesses extensivos pelo domínio do espaço goiano sob o controle direto do Rei de Portugal. Na sequência dessas ações, o desmembramento das capitanias de Goiás e do Mato Grosso, antes jurisdicionadas a São Paulo, até o ano de 1744, transformou Vila Boa de Goyaz em sede da capitania. Nitidamente, as mudanças administrativas se articularam em torno de dois aspectos: o controle da exploração aurífera local e o alargamento das fronteiras do Brasil Central, pelo mesmo motivo.

Os horizontes coloniais seguiram na direção compatível com os interesses da exploração do comércio escravagista. Era chegado o momento de substituir as “crises” entre a população indígena e colonizadores, por braços mais dolentes e resistentes ao trabalho nas

⁴ Manuscritos avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal. Coord. José Mendonça Teles et` al. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura/IPEHBC, 2001.Doc. nº 26, 11 de Fevereiro de 1736, Provisão Régia de D. João V, dispondo sobre a criação de uma Villa para sede da Capitania de Goyaz. Transcrição: Milena Bastos Tavares, historiadora, documentalista e arquivista do Museu das Bandeiras.

⁵ “Em 1737, o então governador da Capitania de São Paulo, Conde de Sarzedas, viajou até Goiás com o propósito de instalar uma vila. Morreu em viagem ao arraial de Traíras, antes de realizar seu intento. Dom Luiz de Mascarenhas, sucessor do Conde de Sarzedas, é que, em 1739, instalará no Arraial de Santana o primeiro centro administrativo e político da região” (ASSIS, 2009, p. 28).

minas. Uma vez mais, o espaço que se urbanizava em Goiás servia de palco para o protagonismo de outros povos, embora a condição “inferior” não favoreceu qualquer alteração de papéis sociais, igualmente, ao que fora vivido pelos indígenas. E, mesmo diante do declínio aurífero, as relações de poder e, conseqüentemente, do espaço com a elite dominante do poder mantinham-se em suas posições. Sejam elas, simbólicas ou não, considerando, inclusive, o fluxo migratório em razão das baixas quantidades de ouro em comparação com os tempos do *boom* aurífero, conforme estudos atestam ter sido no início do século XVIII.

A transição econômica para a atividade agrícola tornou-se a alternativa para subsidiar a vivência e a sobrevivências dos grupos sociais que permaneceram na antiga Vila Boa. À medida em que a cidade ruralizava-se passando a dedicar-se às atividades de subsistência (pois o suposto isolamento geográfico impossibilitava o comércio externo) a administração permanecia nas mãos dos portugueses, preocupados inicialmente em garantir a manutenção e lucratividade do pacto colonial, fato que justifica a permanência e a consolidação da elite local que, mesmo redefinindo hábitos culturais em relação à opulência vivida nos tempos do Eldorado Goiano;

(...) Goiás tornou-se uma área cultural submetida a hábitos rústicos, decorrentes de uma vida de privações caracterizado por uma religiosidade popular singela e, sobretudo, por uma percepção do tempo e do mundo que não se amolda aos padrões tipicamente capitalistas. À correria industrial, Goiás opõe ao passo lento do tempo, marcado pelo fluir das estações, colheitas e longas boiadas, períodos de chuva e estiagem (ASSIS, 2009, p.43).

Neste contexto de revezes de poder, tem-se, portanto, o início de um longo processo de consolidação de outra elite organicamente enraizada às bases deste “renovo” cultural do Estado de Goiás.

Com o advento da Primeira República, em 1889, as variáveis de poder baseadas nos vínculos entre poder e posse da terra, se estabelecem sob o que se convencionou chamar de coronelismo. Sobre esse conceito, Campos (1983) esclarece:

A nível estadual, o arranjo coronelístico vai ser estabelecido pelo ‘compromisso’ entre os grupos políticos municipais sob o controle do executivo estadual, sendo dada ‘carta branca’ aos coronéis em seus domínios. Contudo, à medida em que o domínio do executivo estadual se amplia é que vai se caracterizar a oligarquia, tão famosa a ponto de se tornar um dos traços mais marcantes do período.[...] A persistência da estrutura oligárquica dependeu de maneira fundamental do coronelismo, da dominação total_ e não somente política_ de populações rurais pelos coronéis, da irrelevância política das classes sociais.[...] E da inexistência de condições sócio- econômicas que propiciassem o advento da ideologia como elemento relevante da política (CAMPOS, 1983, p.19).

Assis (2009) segue explicando que na segunda metade do século XIX, uma verdadeira luta pelo poder entre as principais famílias detentoras de posses. Percebe-se que a organização desses líderes resultou em partidos que ambicionavam o oficialismo político, a partir da gradativa participação desses elementos locais nas esferas do poder. Esse lento processo se estabelece entre as oligarquias goianas, algumas em preponderância política, ainda nos dias atuais:

Os Fleury corresponde a primeira oligarquia goiana. Conquistaram prestígio na esfera regional e nacional aliando ao oficialismo político, severamente criticado pelos Bulhões. [...] Os Bulhões destacavam-se pelo elevado nível de formação cultural, destacando-se as figuras de Felix de Bulhões, apaixonado abolicionista, e José Leopoldo de Bulhões, principal articulador político da oligarquia. [...] Os Caiados foram, no Império, aliados de primeira ordem dos Bulhões (ASSIS, 2009, p.76).

Dentro dessa perspectiva pessoas das elites, consagradas por instituições físicas de poder e representação acabaram por influenciar e ditar tipos e modos de viver, fazendo do espaço urbano um lugar de imposição cultural, comportamental, lançando padrões construídos com intuito de controlar a manutenção do poder. São fabricadas tradições, algumas que perpetuam até mesmos nos dias atuais, estabelecendo o certo e errado, os bons e maus costumes, em uma narrativa que prioriza por sobrenomes antes citados, sem que se de real importância a elementos singular que influenciou e perpetuou na cultura imaterial.

Um centro histórico patrimonializado, que preserva elementos coloniais, imortalizando personagens estranhos à verdadeira cultura nativa da cidade que por meio da narrativa histórica oficial, intencional consagrou nomes, fatos, e valores do grupo dominante sob o ponto de vista econômico, fazendo silenciar outros grupos, outras culturas e variadas forma de resistir, será contraposto confrontado, mostrando pessoas, povo que compõem a história de uma forma sensível e mais verdadeira.

São poucos os espaços que priorizam desconstruir, desnaturalizar tradições tão voltadas ao colonialismo e seus desdobramentos tidos como benéficos. As tradições alicerçadas pela memória cristalizada ganham um novo significado nessas discussões, que escolhe valorizar elementos indígenas e africanos, produzindo uma história voltada às origens reais de cada povo. Começa a produzir uma história que tem gente, pessoas díspares do ideal alta sociedade.

1.3 A patrimonialização da Cidade de Goiás: reconstruindo origens

O reconhecimento da Cidade de Goiás como Patrimônio Cultural Mundial, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ocorreu em dezembro de 2001, fazendo jus à história, arquitetura e cultura do primeiro núcleo urbano fundado no território goiano. A cidade conserva mais de 90% de sua arquitetura barroco-colonial, o que a faz tornar-se um belíssimo mostruário do Brasil oitocentista e um dos patrimônios arquitetônicos e culturais mais ricos do país. Goiás localiza-se num espaço que conserva muito de sua beleza natural, o centro histórico preserva o caráter remoto de feições urbanas, nos espaços públicos, privados e naturais já que além do centro histórico a serra dourada também foi tombada como patrimônio natural da cidade.

A pacata cidade de Goiás - primeira capital do Estado e mais conhecida como Goiás Velho - possui um importante sítio histórico do período da expansão colonial, no século XVIII, resultado da exploração do ouro. Testemunha da ocupação e da colonização do Brasil Central, nos séculos XVIII e XIX, suas origens estão intimamente ligadas à história dos bandeirantes que partiram, principalmente, de São Paulo para explorar o interior do território brasileiro. (IPHAN).

A importância do tombamento da cidade está relacionada antes de tudo às ocupações colonizadoras ligadas à história dos bandeirantes, que perpetua mais uma vez a história de caráter oficial e tradicional que escolhe como herança a ser preservada somente elementos que relacionam a imagem do branco desbravador e explorador de riquezas. A cidade de Goiás foi tombada pela UNESCO não pelos moradores nativos que já existiam aqui ou por qualquer outro aspecto que se remete a eles, mas pela presença dos colonizadores e suas intervenções de caráter urbano.

A cidade de Goiás somente passou a ter visibilidade como bem cultural e lugar histórico quando foi inscrita na rede discursiva do patrimônio, à medida em que foi produzido todo um discurso atribuindo determinados conteúdos para torná-la símbolo da memória coletiva. Fundada com a proposta de "resgatar" e "manter as tradições" de Goiás, a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT) torna-se responsável pela instituição da cidade como "berço da cultura goiana".

Esses discursos do patrimônio cultural constituem, conforme Gonçalves (1996), uma modalidade de invenção discursiva do Brasil por produzirem narrativas nacionais, cujo propósito fundamental é a construção de uma 'memória' e de uma 'identidade' nacional, algo comum a todos, para que os indivíduos se sintam pertencentes, pelo processo de aceitação quase que natural que ocorre em espaços educacionais, seja de maneira informal ou por instituições de ensino.

Delgado (2005) chama a atenção para esse episódio que intitula como história da memória no processo da invenção de Goiás como uma cidade histórica e turística, houve consenso entre algumas instituições. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) órgão federal responsável pela criação do Patrimônio Nacional, em parceria com a OVAT, entidade cuja diretoria é composta por um conjunto de moradores que se institucionalizaram como guardiões da memória da cidade, foram fundamentais para o desfecho favorável ao tombamento.

Ao se pensar o termo “invenção da cidade”, discutido por Delgado (2005) chama-se atenção para um trabalho que teve como objetivo a produção, gestão e imposição de determinada memória coletiva. Nesse mesmo processo de constituição de conteúdos para o passado existe certo grau de investimento para cristalizar e naturalizar determinadas memórias que representaram a sociedade, como os vários significados atribuídos ao passado. É a partir dessa perspectiva teórica relacionada com a realidade que Pollack (1989) relaciona a memória coletiva com a coerção, a imposição de uma forma específica de violência simbólica.

Essa classificação de determinados lugares como históricos consagra símbolos nacionais que se pretende perpetuar, concebendo como ensina Nora (1993) os lugares da memória, onde a preservação do espaço está embutida de intencionalidades que favorecem o “relembrar o reencontrar do pertencimento, princípio e segredo da identidade”, que se almeja uniformizar e impor como algo comum a todos na esfera nacional ou a grupos na perspectiva regional.

Sabe-se que o tombamento expressa um ritual de registro de um bem nos livros do tomo que é o momento da nomeação oficial enquanto patrimônio e de sua inscrição como objeto de interesse público sob a guarda do Estado. Sendo assim o poder público deve zelar pela preservação e conservação das características que o tornam representativo do passado. Mas existem contrapartidas em discursos totalmente contrários ao tombamento, ligados ao declínio da cidade, sendo sinônimo de atraso de estagnação, de condenação à morte.

Essa política de tombamento segundo Delgado (2005, p.131) “preservou os testemunhos do poder de uma elite e com eles se propôs a construção da identidade histórica e cultural da nação brasileira”. Num jogo de escolhas do que seria preservado no patrimônio dos vestígios não se vê, por exemplo, templos não católicos, senzalas fora do contexto da casa grande, bairros operários e periferias, o que legitimou a exclusão de determinados grupos sociais. A edificação da memória coletiva configurou-se por uma forma específica de dominação simbólica.

Delgado (2005) explica que determinados monumentos isolados da cidade de Goiás foram investidos de significados pelo processo de tombamento e consagrados como artefatos de valor por testemunharem tanto a história colonial nessa região quanto a formação da nação. Contudo esse desenrolar não pode ser compreendido sem a análise das práticas discursivas da OVAT que propõe o resgate e a manutenção das tradições como gestão do futuro da cidade.

A cidade de Goiás incorporada ao patrimônio foi investida de significados nesse processo de invenção de uma tradição, que tem como objetivo intrínseco a edificação de uma identidade vilaboense. Para a produção desse patrimônio imaterial são atribuídos conteúdos e valores simbólicos a determinadas práticas culturais, cuja origem encontra-se na cidade ancestral, em elementos que formam o ponto comum de identificação dos goianos.

Assim são os Vilaboenses. Retiram do passado, da experiência coletiva fixada no tempo, a substância que funda e que organiza a continuidade de sua trajetória cultural. [...] Tudo se passa como se o rememorar, constante e reiteradamente o passado, pudesse, no presente, exorcizar do futuro os imponderáveis derruidores de seu patrimônio. (Dossiê, 1999, p.30-31)

Várias foram às práticas de construção de um capital simbólico que Pierre Bourdieu (1989) chamara de ações de representação. O presidente da OVAT organizou palestras, folders turísticos, etc, que teve como objetivo tornar visível o grupo, sua força e principalmente sua posição no espaço social.

A definição do “ser” vilaboense naturaliza o valor atribuído ao patrimônio e essencializa determinada concepção de passado que é histórica e socialmente construída, anunciando os atributos que estabelecem a identidade como se fossem constituintes da própria natureza dos moradores da cidade. (DELGADO, 2005, p.131)

Se faz necessário problematizar que essas características nada têm de natural e são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer de um estado anterior da relação de força no campo das lutas, pelo poder simbólico de produzir nesse espaço social “uma visão única da sua identidade, uma visão idêntica da sua unidade” (BORDIEU 1989, p. 115). Se percebe que nesse processo de invenção das tradições, determinados agentes delimitam e controlam os lugares da memória por meio de diferentes estratégias. Acabam por produzirem determinadas interpretações do passado a partir da imposição dos signos que pretensamente representam a memória coletiva.

No Dossiê de Goiás podem-se encontrar diversas séries discursivas que compõem o campo do patrimônio e da memória, se fazendo necessário delinear tal produção discursiva da

cidade histórica e turística. Nesse documento, a inscrição de Goiás como bem cultural justifica-se por estabelecimento do órgão federal como Patrimônio, sendo também uma maneira de delimitar os lugares de memória.

No Anexo IV, encontram-se os resultados da pesquisa "Cadastro de Bens Culturais de Natureza Imaterial", realizada na cidade de Goiás, entre junho e agosto de 1999, que integra o "Inventário Nacional de Referências Culturais", projeto-piloto realizado pelo IPHAN em algumas cidades históricas tombadas. Esse item se deu pelo trabalho em contato com a população. Sendo realizadas noventa entrevistas no centro histórico e em povoados no seu entorno, na tentativa de apreensão da dinâmica cultural. (...) Além dos monumentos arquitetônicos, constituem-se como referências culturais, por configurarem uma identidade e um sentimento simbólico da região para seus habitantes, as festas e comemorações, as músicas, as artes e ofícios artesanais, os documentos e objetos antigos, o patrimônio natural que se destaca na paisagem (Dossiê, 1999, p. 1-2).

É necessário que se perceba que todos os entrevistados era moradores do centro histórico, delimitando de maneira indireta a comunidade da cidade, desconsiderando então aqueles que moram nos bairros, periferias, que saem desse contorno tombado e preservado pelo IPHAN e pelos guardiões da memória. No Dossiê não é encontrado nada que se conta sobre os critérios de seleção dos moradores que foram ouvidos.

Delgado (2005) mostra que emerge desse discurso um contexto local, homogêneo, marcado pela busca coletiva de significados e também a perpetuação de uma memória coletiva que está sendo transmitidas para novas gerações. No dossiê é observável a idealização da relação do vilaboense com esse passado que hoje é patrimônio. "O valor do patrimônio histórico de Goiás para seus habitantes é inteiramente natural, está arraigado em seu viver." (Dossiê, 1999, p. 3-4).

Esse discurso legitimado por um documento construído mesmo com essa intensão de delimitação e heranças e representações simbólicas para apreensão da população, silencia tensões e conflitos entre vários grupos que existiram e existem nesse mesmo espaço, ocultado o poder simbólico que existe em todas essas ações motivadas por interesses em uma história oficial, tradicional, que leve sobrenomes e edificações para todas futuras gerações. (DELGADO, 2005, p.130)

Nesse sentido ao considerar a relação dos habitantes com os bens tombados percebe-se que existe um sentimento de pertencimento somente dos moradores do centro, ocultando os conflitos e confrontos que se desenrolam devido a implantação da política de patrimônio e

gestão urbana, existindo uma dificuldade, ou certo tipo de limite para intervir nessas edificações.

No anexo IV do Dossiê os entrevistados são perguntados sobre as famílias tradicionais da cidade. Vários são os sobrenomes citados, tais como: Fleury, Caiado, Bulhões, Curado, Alencastro. É analisada essa reconstrução de origens, famílias que acabaram por comandar a cidade, do ponto de vista econômico, social, cultural. Além de monopolizar o centro da cidade, ditaram também padrões comportamentais, modelos de civilidade, na construção de uma narrativa que os coloca em pedestais.

Como a maioria dos moradores da cidade não mora no centro, do ponto de vista de pessoas que trabalham muito, não tendo nenhum tipo de herança de nomes, ou terrenos do tempo da construção da cidade, elas não tem esse sentimento de apego, a participação nessa história na maioria das vezes parece distante de suas realidades. A força simbólica da reinvenção constante da cidade como lugar da memória produzida pela multiplicidade de práticas discursivas foi potencializado com o Movimento Pró-Cidade de Goiás e a obtenção do título de "Patrimônio da Humanidade"⁶

Como foi discutido anteriormente por Pesavento (2005) a cidade se compõe por muitos tipos de pessoas, grupos, comportamentos, uma ampla diversidade cultural. Então é inegável que as pessoas recebam influências de todos os lados. Sendo um ponto positivo ao considerar que mesmo com a tentativa de silenciamento de alguns grupos, existem indivíduos que se orgulham de suas origens e tentam reeducar as pessoas desfazendo um pouco as ideias colonialistas enraizadas na mente da maioria das pessoas.

Faz-se preciso evidenciar outras pessoas que vivem nesse espaço, mostrando que são muitos os sujeitos que compõe essa trama social. Esses personagens são pessoas diferentes, que são de certo modo segregados, mesmo que em um espaço comum; por agir, pensar e verbalizar uma visão de mundo singular. Estabelecer relações, interconexões um com o outro é necessário para que percebamos as múltiplas identidades sociais dentro de um mesmo

⁶ O parágrafo em questão sugere discursos embasados teoricamente em dois conceitos principais: Poder e Invenção de Tradições. Portanto, define-se em Bourdieu (2007, p.9) a categoria de Poder Simbólico e em Hobsbawm (1984, p.9.) o conceito de Tradição e /ou Traições Inventadas:

Poder Simbólico: O poder simbólico é o poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e em particular do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de *conformismo lógico*, quer dizer uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.

Invenção de Tradições: Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

espaço social bem a formação e pluralidade das identidades representativas inerentes ao espaço urbano.

Essas pessoas foram silenciadas e agora, com a visão universal do título de Patrimônio da Humanidade precisam ser repensadas, incluídas na identidade urbana em questão. Consoante com Albuquerque Júnior (2007), entende-se que quando os costumes são definidos como naturais, justos, bons; desqualifica-se os costumes diferentes, que são tidos como bárbaros, estranhos, maléficos, imorais. As pessoas vivendo em sociedade apropriam-se destes de acordo com suas necessidades.

Vale a pena lembrar que, a fundação da Cidade de Goiás ocorrera no século XVIII, auge do ciclo do ouro, fato que demonstra a existência, de longa duração, difundidas e impregnadas teorias vigentes que defendia ideias etnocêntricas, onde a partir de uma determinada experiência cultural, julgavam-se e inferiorizavam outras. Considerando sua cultura melhor ou superior. Tal prática antiga menosprezava o relativismo, concebido como verdade absoluta sendo mantida por séculos.

2 UM OLHAR PARA O DIVERSO: a outra face da Cidade de Goiás

Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação.

(Belchior)

Diante do que foi discutido no capítulo anterior sobre oficialidades e meios que conservam as tradições tanto discursivas quanto as tradições materiais da cidade de Goiás, chega o momento de lançar olhar para o diverso, o contrastante, ou até mesmo o contrário do que as tradições anseiam perpetuar. Como é de nosso saber nenhuma comunidade, sociedade ou cidade, por menor que seja, é totalmente homogênea. Temos nelas, grupos de indivíduos que pensam e agem de maneira diferente; com valores e ideias que se distinguem umas das outras. Cada pessoa por ser a própria protagonista de sua vida, escolhe a forma que melhor parece se identificar para viver.

Partindo dessas individualidades que compõem o todo existente, percebemos outra face da cidade de Goiás, o lado onde está o povo de fato, o lado que não aparece nas narrativas ou discursos mais conservadores. Pessoas que “não tem sobrenome”, nem terras, nem heranças ou qualquer outra coisa que por muito tempo foi sinônimo de prestígio e valor. Indivíduos com comportamentos que fogem do padrão ou modelo esperado, que possuem aos olhos da sociedade “maus costumes”, aquilo que os rotula como fora dos padrões comportamentais e ideológicos esperados.

Percebe-se que os valores morais de determinada sociedade não é assentado em cima de algum fundamento natural, mas são definidos pelos costumes daquilo que alguns determinam como bom ou ruim, noções essas definidas a povos lugares e em determinados tempos. De acordo com Muniz (2007, p. 121), “(...) cada povo acaba por definir seus costumes como os naturais, os justos, os bons e desqualificará os costumes diferentes como bárbaros, exóticos, estranhos, maléficos, imorais”.

A exposição, “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, ocorrida em 2012, no Museu das Bandeiras (MUBAN), é considerada uma ação que se preocupou com a inclusão de representantes da população moradora dos arredores da cidade de Goiás, Vale lembrar que esse espaço museal local foi, no passado, um lugar onde as normas oficiais da Colônia ao Império, se instalaram, portanto, importante símbolo da arquitetura urbana vilaboense para a memória material preservada nesta cidade que é Patrimônio da Humanidade.

Desse modo, é possível perceber mediante a referida exposição rupturas culturais no que se refere às bases que sustentam o monumento como sendo um exemplar do que foi o

poder e as tradições em Goiás. Lançou-se olhos para aquilo que, até então, era extraordinário, sem nobreza, sem riqueza. Esses grupos que se diferem da normalidade social costumam ser motivo de curiosidade, especulações e, acima de tudo, de preconceitos, por parte daqueles que os consideram “diferentes”, em um ou vários pontos de “discordâncias” com o que é ordinário, ou seja, o lugar real ou abstrato de poder na cidade de Goiás, em particular.

O objetivo é mostrar suas especificidades compreendendo, cada qual ao seu modo, como seres humanos vivem e convivem nesses espaços. Com os olhos voltados para baixo, para o “inexpressivo” social, mas que, ainda assim, coexiste com o que se ressalta, justifica-se a intenção desta pesquisa. Os registros visuais da exposição no MUBAN são parte do que nos inquietou. Por isso, acredita-se que pelas imagens que deram sentido à exposição é possível tangenciar aspectos como identidade, tradição, costumes e representações no centro histórico da cidade de Goiás de forma revisionada.

Olhar para o diverso significa e ir buscar neles representatividade não se resume apenas a esses grupos. As problematizações deste estudo buscam incluir outros personagens que, por sua vez, somam-se aos não constituintes das tradições na cidade de Goiás, bem como, ao debate mais global sobre identidade, diferença e inclusão em voga na atualidade. Antes, faz-se necessário pensar o uso metodológico do documento visual como testemunho para a escrita da história, para depois se analisar e apresentar as particularidades do objeto de estudo desta monografia: os atores “invisíveis” das oficialidades vilaboenses.

2.1 A Fotografia Como Documento Histórico: análise e interpretação

Sabe-se que no final da década de 1980 houve uma “crise dos paradigmas” na história que ampliou o campo da ciência histórica para o enfoque cultural permitindo que as imagens, até então restritas ao campo da arte, assumissem lugar de testemunhas no campo da representação. Apoderar-se das fontes visuais permite entender que a intenção é dar sentido ao mundo por meio de “uma representação que resgata representações, que se incube de construir uma representação sobre o já representado” (PESAVENTO, 2005, p.43).

As fotografias passam a ser concebidas como discursos que carregam em si grau de intencionalidades, que subjetivamente acabam por evidenciar, expressar algo. Portanto, a fotografia é também uma espécie de discurso. Como qualquer arte visual, ela oferece, através da imagem, a possibilidade de se contar uma história, expressar a sua opinião e a sua forma de ver o mundo.

Considerando esta prevalência da fotografia na sociedade e o conjunto de funções que ela executa, podemos pensar a questão dos usos sociais da fotografia com a oportunidade de aprofundar temas e questões do grupo, no caso específico identidades e representações na cidade de Goiás.

Isso torna a construção e a leitura de fotografias uma tarefa que, embora pareça fácil na prática, é difícil. Batista (2010) aborda a fotografia como um ato permanente de fragmentação de elementos de uma determinada realidade em um plano. Desta maneira, compreender o que esconde no subterrâneo das imagens requer métodos específicos e imaginação.

Estamos sempre nos movendo de um lugar para o outro. Acompanhada o registro desse processo humano, descobrimos, identificamos e visualizamos imagens deixadas no tempo. Elas aparecem entre os principais recursos de linguagem utilizados para transmitir intenções, ideias e práticas que, por sua vez, passaram a ser entendidas como emissoras receptoras de conhecimento. (BARBOSA, 2017, p.192)

O caráter fundamental da fotografia em representar a sociedade demonstra o potencial descritivo da imagem. Sendo ela analisada de uma maneira mais detalhada, específica encontra-se o discurso a intenção que está por detrás de uma imagem visto erroneamente apenas como algo ilustrativo. Em detalhamento à cientificidade da fotografia lê-se:

Não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e, conseqüentemente, que não sejam antropológicas à sua maneira. Toda fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo (SAMAIN. 1998, p.6)

Assim, a imagem não oferece todas as informações em sua aparência, mas instiga questões a partir do primeiro contato. Desta maneira novas imagens poderão surgir a partir da primeira imagem, fazendo com que tome novos sentidos, e significados para cada grupo de pessoas a partir de suas experiências e forma como estes as concebem. Desta maneira, as imagens pronunciam um lado da verdade, a “sua verdade” que se almeja construir.

Barbosa (2017, p.194) afirma que elas podem ser entendidas como testemunhas que capacitam o historiador a aproximar-se da experiência do real a fim de dar-lhe um sentido. Basta entender, segundo a autora, “as imagens como representações que não professam o absoluto e, portanto, para saber mais daquilo que elas dizem por meio da aparência, é preciso imaginar”.

As imagens que ficam mesmo depois de passado os momentos podem produzir pensamentos e sentidos, por guardam em si memórias. E nelas o que está aparente e o que é

“verdadeiro” andam uma ao lado da outra. As fotografias analisadas são percebidas como manifestações de um pensamento, propositalmente elaborado com intuito de dar rostos e identidades para pessoas marginalizadas, deixadas no anonimato e silêncio.

Batista (2010) aborda que a comunicação visual passa a ser entendida não como uma mera representação da realidade, mas como uma extensão desta. A fotografia enquanto instrumento narrativo constitui-se de uma extensão do olhar. “É fato que o homem conhece o mundo agindo sobre ele e para tal ação, ele cria extensões de seus sentidos, aumentando seu conhecimento no tempo e no espaço” (FERREIRA, 2002 p. 8).

Nessa perspectiva é observável o leque que se abre ao estudar imagens. A fotografia e posteriormente o vídeo fazem com que as pessoas ganhem rostos, corpos, gestos, nomes. A utilização da fotografia como resgate cultural se mostra relevante. Essa nova visão sobre a comunicação, do fazer uma leitura do mundo social através do suporte fotográfico, permitiu-nos registrar a força da imagem fotográfica como formadora de uma consciência social, cultural, emocional e educacional.

Portanto, pensando na imagem como portadora de discurso (s) buscamos nos aproximar de alguns participantes da exposição, que ocorreu no MUBAN no ano de 2012, para coletar testemunhos orais sobre essa experiência. Convém lembrar que Girlene Chagas Bulhões, curadora da exposição e diretora do museu, à época, tirou fotos de determinadas pessoas, segregadas simbolicamente e marginalizadas diretamente na sociedade vilaboense. Haja vista que o perfil vilaboense, tal como foi discutido no capítulo anterior, na maioria das vezes, não se encaixa nessas pessoas de origem humilde. As tradições elegeram outros atores sociais que, de algum modo, se associam à história tradicional, aos monumentos oficiais erguidos, tombados e valorizados no centro da cidade. Essa memória material remete à existência e permanência das tradições que regem o mundo das relações sociais na cidade ainda na atualidade.

A maioria dos participantes da exposição entrevistados nesta pesquisa residem em áreas distantes do centro. Não valorizam, não acham importante a história que os dão pouca ou nenhuma representatividade. Muitos discursos preconceituosos e excludentes que permeiam épocas e famílias os diminuem, machucam, ferem em seu caráter e modo de viver. Essas pessoas ninguém sabe quem são, nem ouviram falar, mas fecham os olhos, simplesmente os silenciam.

Nos próximos subitens pretende-se aprofundar na exposição entrevistando a mentora e executora desta. Entrevistando alguns participantes, busca-se saber qual o sentimento de terem sido representados por ela, mas, além disso, busca-se saber um pouco mais de suas

histórias, do sentimento de pertencimento a Goiás e, possivelmente, explorar experiências íntimas no que se refere a possíveis preconceitos sociais e culturais.

Antes, convém revisitar o protagonismo do MUBAN e sua proposta inovadora de incluir pessoas, até então distantes as realidades museal local. Esse destaque se dá por dois motivos: primeiro, demonstrar de onde surgiu o interesse científico pelas minorias e os espaços de poder na Cidade de Goiás; segundo, aprofundar nas intenções da idealizadora e organizadora da exposição “Sim estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, Girlene Bulhões, percussora da proposta epistemológica que essa pesquisa busca ampliar.

2.2 O Museu e as Representações Urbanas: contribuições museológicas na Cidade de Goiás

A palavra “MUSEU”, de origem grega, significa “templo das musas”, e já era usado em Alexandria para designar o local destinado ao estudo das artes e das ciências. O museu foi criado para preservar a memória do passado para o futuro. A despeito disso, a tônica das oficialidades subsistiu por muito tempo nestes espaços considerados como guardiões da trajetória da nação, especialmente, dos protagonistas do poder em destaque na história nacional e regional a ela interligada. Essa estratégia fortaleceu, por muito tempo, a ideia de unidade nacional baseada numa identidade brasileira coletiva.

Desse modo é possível observar que por muito tempo o que se preservava e era dada atenção eram objetos ligados à história das classes dominantes. Grandes generais, grandes heróis, grandes políticos; um ou outro aspecto mais popular, no sentido de elementos culturais que valorizasse feições afro-brasileiras ou indígenas. Em consequência constrói-se uma memória social coletiva voltada à construção das crenças de um passado ingênuo e distante da consciência histórica.

A memória em si deve ser uma preocupação básica da sociedade que pode ser ligada à aprendizagem, portanto, função educacional em certas esferas de interesse. Foi entre os anos de 1970-1990 que os museus no Brasil começaram a receber críticas relativas às suas práticas. Movimentos sociais como, por exemplo, os estudantis, negros e feministas discutiam a distância que estas instituições mantinham com problemas reais da atualidade. O conteúdo do museu era algo distante das massas populares, a maioria pouco interessava às pessoas que residiam ali.

É nesse momento que ocorre a eclosão de um movimento internacional denominado Nova Museologia, considerado um divisor de águas no campo museal. Tal movimento propunha novas práticas para os museus e novos princípios para a museologia, com o intuito de “descolonizar” esses espaços.

Motivados por afirmações como essas, cada vez mais profissionais passaram a se questionar como suas práticas estavam colaborando ou não com as questões sociais que afligiam as comunidades nas quais as instituições museais estavam inseridas. Para quê? Para quem? Como os museus tratavam tais assuntos passaram a ser preocupações constantes (CLAUDINO, 2016, p. 02).

Os valores dos ingressos, a localização e a falta de transporte público são alguns dos obstáculos à visitação. Além disso, alguns grupos sociais, como moradores de rua, penitenciários, pessoas com deficiências mentais, com baixa ou nenhuma escolaridade, dificilmente frequentavam os museus. A falta de conhecimento limitava a compreensão sobre esses espaços e seus respectivos acervos.

Os museus na cidade de Goiás, normalmente, não falavam de temas que fizesse referência às suas próprias vidas ou de outros grupos marginalizados. Na maioria das vezes, apresentavam textos complexos e peças soltas que não acompanham nenhuma explicação para leigos no assunto, não tendo para os visitantes/moradores, o devido significado. Esses fatos e outros mais acabam provocando um afastamento e possível opressão das pessoas pertencentes às minorias sociais que conseguem romper as barreiras impostas pelos museus.

A Sociomuseologia, corrente teórico-prática que se preocupa e se compromete com a redução das desigualdades e injustiças sociais, é responsável por tornar os museus um espaço vivo e, também, habitado pelas minorias. Memória e patrimônio se interligaram com o intuito de dar visibilidade às comunidades populares, conforme frisa Santos (2002):

[Pode] ser então caracterizada como um movimento, organizado a partir da iniciativa de um grupo de profissionais, em diferentes países, aproveitando as brechas, ou seja, as “fissuras”, dentro do sistema de políticas culturais instituídas, organizando museus, de forma criativa, interagindo com os grupos sociais, aplicando as ações de pesquisa, preservação e comunicação, com a participação dos membros de uma comunidade, de acordo com as características dos diferentes contextos, tendo como objetivo principal utilizar o patrimônio cultural, como um instrumento para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento social (SANTOS, 2002, p. 117).

Evidencia-se, portanto, que o MUBAN colocou em prática tais teorias considerando a exposição temporária, “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, ocorrida no ano de 2012, conforme já ressaltado. No entanto, segundo Santos (2002), existe

uma disputa que acaba dificultando a implementação dos principais valores da Sociomuseologia aplicada aos museus. Claudino (2016, p.3) aborda que quando os “espaços considerados tradicionais acabam sendo deixados de lado, livres para continuar selecionando, hierarquizando e excluindo as memórias de acordo com critérios elitistas e preconceituosos”. Por ser teoricamente um espaço coletivo, deveria estar “a serviço da sociedade” como um todo, sem nenhum tipo de discriminação.

Dessa forma, ao serem excluídos dos centros onde se decidem as coisas, esses grupos deixam de ter garantido o cumprimento dos seus direitos e passam a sofrer o que a Sociologia chama de “marginalização”:

[...] o processo social de se tornar ou ser tornado marginal (relegar ou confinar a uma condição social inferior, à beira ou à margem da sociedade). Ser marginalizado significa estar separado do resto da sociedade, forçado a ocupar as beiras ou as margens e a não estar no centro das coisas. Pessoas marginalizadas não são consideradas parte da sociedade (SOUSA, 2013, p. 1).

Essas pessoas representadas na exposição que ocorrera no MUBAN, apesar da segregação, ocupam de algum modo, espaços na cidade histórica que insiste por cristalizar nomes e sobrenomes muitas vezes desconhecidos pela maioria dos populares. Para estes últimos, anônimos na história oficial sejam mais conhecidos do que aqueles que se fazem representados por símbolos do patrimônio edificado vilaboense. Ainda que marginalizados, (in)direta ou simbolicamente, o centro histórico da cidade de Goiás vive e revive constantemente a coexistência entre o oficial e o marginal, pois o espaço urbano é muito mais do que a memória de “cal e pedra”.

Mostrar os contrastes na paisagem cultural vilaboense, rediscutir as desigualdades inerentes à sua constituição histórica como um sintoma do passado no presente, embora se evidencie de forma velada, é a proposta central deste estudo.

Sobre desigualdades e exclusões, Boaventura de Souza Santos (2008) entende que:

A desigualdade e a exclusão são dois sistemas de pertença hierarquizada. No sistema de desigualdade, a pertença dá-se pela integração subordinada enquanto que no sistema de exclusão a pertença dá-se pela exclusão. Quem está em baixo está dentro e sua pertença é indispensável. Ao contrário, a exclusão assenta num sistema igualmente hierarquizado, mas dominado pelo princípio da segregação pertence-se pela forma que é excluído. Quem está em baixo, está fora. (...) Trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, cria o interdito e o rejeita. Estabelece um limite para além do qual só há transgressão, um lugar qual atira para outro lugar, a heterotopia, todos os grupos sociais eu são atingidos pelo interdito social, sejam eles a delinquência, a orientação sexual, a loucura, ou o crime. (...) A desqualificação como inferior, louco, criminoso

ou pervertido consolida a exclusão e é a periculosidade pessoal que justifica a exclusão. (SANTOS, 2008, p. 280-281)

A palavra heterotopia é composta do prefixo *heteros* que tem origem do grego e significa o diferente e está ligada a palavra *alter* (o outro). Já sufixo *topia* quer dizer lugar, espaço. Então, heterotopia significa o espaço do outro. Em busca do uno, do universal e do mesmo, a razão ocidental afastou o outro, a diferença, a multiplicidade. Deste modo é possível observar os espaços do outro, onde o exercício do poder pela racionalidade ocidental acabou por delimitar zonas a serem ocupadas por determinadas pessoas com comportamentos que estão fora do que a sociedade aceita e impõe como melhor conduta. Grosso modo, a heterotopia refere-se a lugares reais, mas que estão de fora dos lugares de visibilidade por serem vistos como dissonantes às representações oficiais da paisagem de poder localizada no centro histórico da cidade de Goiás.

Nesta direção, acredita-se que entre o período de 2007 a 2013, com o intuito de incluir os grupos sociais historicamente discriminados e/ou marginalizados, o MUBAN propôs, durante a 6ª Primavera dos Museus (2012), promovida pelo IBRAN. A exposição temporária, “Sim, estou vivendo, registros fotográficos de uma sociedade plural”, pode ser considerada um marco cultural que “abalou” a concepção tradicional de espaço, poder e memória de alguns vilaboenses.

Figura 01 - Cartaz de Divulgação da exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, 28/09/2012.

6ª PRIMAVERA DOS MUSEUS-2012
GO-GOIAS - MUSEU DAS BANDEIRAS

6ª PRIMAVERA DOS MUSEUS
A Função Social dos Museus

- 24/09/2012 a 30/09/2012 - 09h às 17h
EXPOSIÇÃO - Bertran, cidadão Vilaboaense.
EXPOSIÇÃO - Mulheres e Memórias de Goiás.
EXPOSIÇÃO - Olhares sobre o Tempo: patrimônio, memória e poder.
- 26/09/2012 - 19h30 às 21h30
MEZA REDONDA - A Função Social dos Museus (“outsiders” fotografados; George Ceolin: prof. e coordenador de estágio do curso de Serviço Social da UFG-Goiás; Maria Vilma Neves: coordenadora do CREAS-Goiás e Girlene Chagas Bulhões: museóloga, diretora dos Museus Ibram em Goiás)
- 28/09/2012 - 09h às 11h
OFICINA - Os Guias de Turismo e a função social dos Museus (Washington Fernando de Souza: Especializando em Supervisão e Orientação Educacional UBM, Tecnólogo em Gestão de Turismo - UEG, Bacharelado em Museologia UFG e Docente do SENAC- Goiás)
- 28/09/2012 a 28/10/2012 - 09h às 17h
EXPOSIÇÃO - Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural.
- 28/09/2012 - 20h às 21h30
SHOW MUSICAL do grupo Fé Menina

GO - PILAR DE GOIÁS - MUSEU CASA DA PRINCESA

- 25/09/2012 a 28/10/2012 - 14h às 17h
EXPOSIÇÃO - Pilarenses: registros fotográficos de uma sociedade plural
EXPOSIÇÃO - Movimentos Sociais.
- 25/09/2012 - 15h às 16h30
MEZA REDONDA - A função social dos museus (George Ceolin: prof. e coordenador de estágio do curso de Serviço Social da UFG-Goiás; Maria Vilma Neves – coordenadora do CREAS-Cidade de Goiás; Girlene Chagas Bulhões: museóloga, diretora dos Museus Ibram em Goiás).

Maiores informações: mdb@museus.gov.br / (62) 3372-1087

MUSEU DAS
MUBAN
BANDEIRAS

Casa da
Princesa
Ministério da
Cultura

shm
Sistema Nacional de Museus

ibram
Instituto Brasileiro de Museus

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Fonte: Acervo de Girlene Bulhões

O cartaz na figura 01 prezou pela visibilidade de sua proposta: uma sociedade plural. Produzido para divulgação no formato em cores, percebe-se a ênfase dada aos personagens e, conseqüentemente, à história de vida, memórias e experiências vividas por esses atores nos arredores do espaço de poder que, desta vez, cedeu lugar ao seu compartilhamento. A programação, ao centro, é margeada pelos atores principais: portadores de necessidades especiais (mental e física), travestis, gays, lésbicas, alcoólatras, ex-presidiário, negros e praticantes de religião de matriz africana.

Seguindo a ideia da exposição, alguns dos personagens fotografados no cartaz da figura 01 estarão sob os holofotes desta pesquisa no próximo subitem. A metodologia oral foi utilizada para extrair a recepção dos protagonistas acerca da experiência museológica. Objetiva-se com esses depoimentos compreender melhor a relação entre as minorias e os espaços de poder na cidade de Goiás, bem como, por meio desses primeiros evidenciados, inserir outros personagens ao debate sobre os olhares que podem ser lançados sobre as representações sociais na cidade em que a tradição é reconhecida como Patrimônio da Humanidade.

2.3 Trânsitos Identitários no Espaço de Poder Vilaboense: extraindo testemunhos

Como discutido anteriormente, a paisagem oficial vilaboense é contratada por identidades sociais que representam os marginalizados da cidade. Ora, se o centro é o espaço das elites, neste estudo essa “verdade” não nos parece tão naturalizada assim.

O trânsito de identidades que a exposição evidenciou foi tema, inclusive, de atividades adjacentes como palestras, oficinas, rodas de conversa e outras discussões que relacionavam grupos marginalizados, tradição e patrimônio na cidade de Goiás. A imagem a seguir flagrou um desses momentos:

Figura 02 - Roda de conversa, realizada durante a exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”, 28/09/2012



Fonte: Acervo de Milena Barros Curado (cópia digital).

O registro fotográfico na figura 02 mostra um coletivo, em círculo, sendo participante e expectador de um momento de trocas. Ao fundo, imagens dos personagens em foco complementam a cena em debate. Ao ser questionada sobre a inspiração temática da exposição, Girlene Chagas Bulhões respondeu:

“A ideia de fazer a exposição ‘Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural’, se deu quando do lançamento da 6ª Primavera dos Museus (set/2012), evento anual, com tema proposto pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)/MinC. Para essa edição, o mote apresentado foi ‘A função social dos museus’.[...] Foi quando João Gambá, morador de Goiás-GO e filho adotivo do artista plástico e escritor vilaboense Octo Marques (1916-1988⁷), apareceu em minha frente, descalço e vestido com as suas roupas habituais, bermuda e camiseta, acompanhadas de um paletó e uma gravata que havia encontrado no lixo, dizendo que estava vestido para esperar o Governador do Estado, que se encontrava na cidade para um evento. Achei-o tão bonito que pedi autorização a ele para fotografa-lo, o que fiz na loja Cabocla Criações, onde estávamos no momento.

⁷ “Octo Outurnino Marques nasceu na Cidade de Goiás no dia 08 de outubro de 1915. A ancestralidade de Octo foi marcada pelo signo das artes musicais. Seu avô era músico profissional assim como seu pai, Pedro Valentim Marques, que, além de músico, era também ourives, carpinteiro e sapateiro – ofícios de alguém bem dotado para as artes feitas com as mãos. (...) Francisca Ferreira de Sales, conhecida como Dona Fanchi era sua mãe; mulher energética, contribuía para o minguado orçamento doméstico produzindo quitandas que eram vendidas pelo menino Octo” (LIMA, 2009, p. 21 e 22). In: LIMA, Elder Rocha. Octo Marques: trajetória de um artista. Superintendência do IPHAN em Goiás, Goiânia: 2009.

Quando me preparei para a primeira foto, ele também fez a primeira pose, como fosse um modelo, e já partiu para mais poses. Foi nesse momento que tive a ideia de fazer a exposição com fotos de pessoas da cidade que, assim como ele, sofrem discriminação pelos mais diversos motivos, mas que em outros tempos poderiam ser punidas com a prisão na antiga Cadeia que hoje abriga o Museu, devido à criminalização dos seus estilos de vida, que havia no passado. João Gambá foi o meu “muso inspirador” (Entrevista com Girlene Bulhões realizada em: 14/07/2017).

Percebe-se subjetividades da curadora da exposição na escolha, ao menos, de um dos personagens. Independente da fama do pai (adotivo), João Gambá possui uma relação individualmente memorável com a cidade de Goiás. Conhecido como um típico personagem das ruas históricas vilaboenses, ele, um ébrio “gente boa”, alegra turistas, cativa moradores e se indissocia das representações do urbano para muitos. Sua ausência no centro histórico de Goiás, inquieta e motiva moradores a saber do seu paradeiro, imediatamente.

Figura 03: João Gambá, 2012.



Fonte: acervo de Milena Barros Curado (em cópia digital).

Observa-se na figura 03 que o “muso inspirador” é performático. As rugas na tez, a simplicidade dos trajés e a “barbicha” como marca registrada são alguns dos atributos visíveis

nas fotografias expostas no muro que serve de mural. Segundo Girlene Bulhões, essa visibilidade dever ser entendida como “valorização”, pois:

[...] “dar visibilidade” talvez não seja a expressão mais adequada porque essas pessoas estão aí, e mesmo sendo tidas como “invisíveis sociais”, elas são vistas sim. O que fazemos é fingir que não as vemos. Nesse sentido, compreendo que fazer essa exposição era uma forma de valorização dessas pessoas, dos jeitos que elas são, de dizer que elas são dignas e merecem respeito da mesma forma que outras; e também uma forma de reaproximar o Museu das Bandeiras da sua história mais próxima, que é a memória da Casa de Câmara e Cadeia que ele hoje ocupa. Memória, principalmente a da Cadeia, tantas vezes abafada mas ainda presente, e muito, em suas paredes que abrigam tantas histórias de vidas consideradas “erradas” para as camadas preconceituosas da nossa sociedade. Em resumo, fazer essa exposição, e desta forma “dar visibilidade” à importância dessas pessoas para a memória da cidade, para mim significou uma forma de fazer jus à memória do próprio Museu e de contribuir para o cumprimento da função social que todas as instituições museais possuem (Entrevista com Girlene Bulhões realizada em: 14/07/2017).

E os flagrantes visuais continuam a nos informar sobre os *fazeres* desenvolvidos durante a exposição:

Figura 04 - Identidades em questão, 2012.

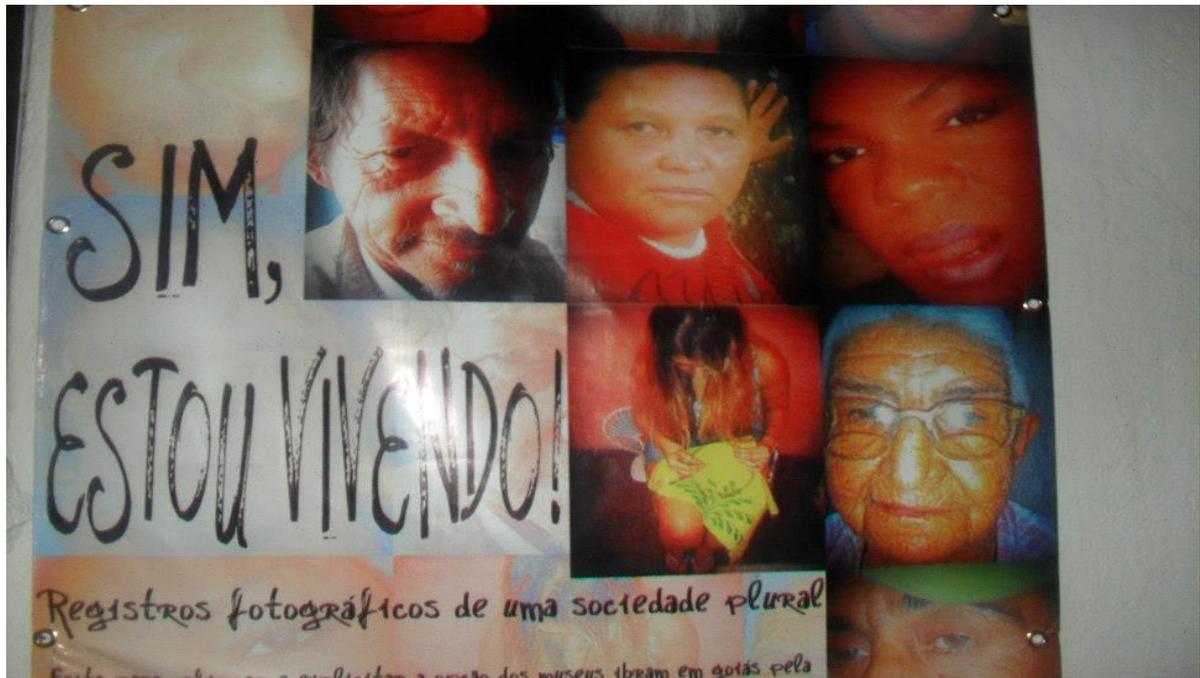


Fonte: acervo de Milena Barros Curado (em cópia digital).

A percepção que se tem ao olhar para a figura 04 é de que arte, liberdade e poder deram o tom do evento. Essa pode ser a explicação para o título sugestivo da exposição que nos instigou a curiosidade, desde o começo. A entrevista concedida por Girlene Bulhões confirmou algumas suspeitas e complementou outros entendimentos:

O título veio da música *Eu Bebo Sim*, gravada em 1973 pela cantora Elizeth Cardoso e muitas vezes regravada por nomes como Elza Soares, Seu Jorge e Planet Hemp. O refrão da música diz “eu bebo sim, estou vivendo, tem gente que não bebe está morrendo, eu bebo sim!”. A ideia surgiu pelo fato de muitas das pessoas fotografadas na exposição serem alcoólatras. Queria mostrar a importância dessas pessoas para a história e a memória do Museu, da cidade e do país. Uma vez que a missão do Museu das Bandeiras diz que a razão da sua existência é “mostrar as contribuições dos diversos segmentos sociais presentes no processo de colonização bandeirante” os grupos sociais aos quais essas pessoas pertencem não podem, não devem ficar de fora dessa história, merecendo como todos os outros grupos terem suas memórias preservadas e comunicadas pela instituição. Afinal, não somente as pessoas “encaixadas” nos padrões heteronormativos e puritanos de “moralidade” e “decência” fazem parte da sociedade, não é mesmo? Mesmo que uns não queiram, os divergentes, os outsiders, os considerados um incômodo e os “foras da lei” também são parte dela e merecem ter suas vozes ouvidas e reconhecidas como importantes (Entrevista com Girlene Bulhões realizada em: 14/07/2017).

Figura 05 - Banner da exposição “Sim, estou vivendo: registros fotográficos de uma sociedade plural”2012



Fonte: acervo de Milena Barros Curado (em cópia digital).

Diante dessa atitude que mexe com os padrões esperados nos museus tradicionais e abala principalmente mentalidades conservadoras na cidade de Goiás, continuamos a indagar sobre a receptividade popular. Sobre tal questão, Girlene expôs, brevemente:

Nessa exposição, o envolvimento foi total por parte dos segmentos marginalizados da população local. A sociedade tradicional se contorceu de raiva, mas o povo das “margens” se engajou; muitos visitaram o Museu pela primeira vez apenas por causa da exposição; os fotografados e fotografadas passaram a visitar o Museu com frequência; alguns participaram da Roda de Conversa que abriu a exposição, dando seus depoimentos; participaram de visitas mediadas no Museu e eventos

acadêmicos na UFG, em Goiânia. Sem sombra de dúvidas, a boa receptividade foi muito maior que as críticas negativas (Entrevista com Girlene Bulhões realizada em: 14/07/2017).

Extraoficialmente, comenta-se que a repercussão do feito coordenado por Girlene Bulhões, à época, provocou estranhamentos com alguns dos chamados “guardiões das tradições locais”. Intuindo compreender o que a exposição significou para sociedade entrevistamos Milena Curado que informou ter participado de todo o evento em 2012. Indagada, Milena Curado explicou sua visão, como moradora e representante da comunidade:

Na minha opinião a importância da exposição foi colocar em evidências pessoas que estão no nosso meio[...]. E no caso dessa exposição que foi feita pela Girlene, ela deu vez e voz pra essas pessoas que são de uma certa maneira excluídos da sociedade ne, até assim os deficientes não, eu não julgo eles como excluídos, na verdade eles são bem acolhidos, mas outras pessoas que são marginalizadas ne, no caso do João Gambá que fica ai meio jogado pela cidade. São pessoas que as vezes a gente passa e nem olha, passa por cima e não vê, mas eles estão ali, eles existem[...]. Aquela maneira que ela expôs puxou o olhar de todo mundo praquilo ne pra ver a importância do “outro”. Então eu achei que foi muito valido [...]. Eu acho que contribuiu muito com a elevação da autoestima deles ne, pra eles terem consciência da importância deles na sociedade enquanto pessoas e ter um espaço bacana como foi montado com uma exposição linda, e teve um debate que depois eles também puderam falar puderam expor a sua ideia. Então foi um momento impar eles nunca tiveram tanta visibilidade, nunca tiveram oportunidade e nem voz. Foi um processo de inclusão realmente, deles se sentiram importante de vivenciar aquilo e poderem participar ativamente de um evento que foi promovido pra eles (Entrevista com Milena Curado realizada em: 14/07/2017).

Igualmente questionada sobre a recepção dos moradores, Milena Curado, dá uma resposta interessante:

Eu acho que chocou muita gente, como eu disse anteriormente são pessoas que normalmente a sociedade não vê, mas eu acredito que teve uma receptividade boa, até porque teve um público bacana ne e realmente as pessoas que vão e as pessoas que foram são pessoas que dão importância pra isso, que valoriza o diferente. Então eu acho que a receptividade foi bacana (Entrevista com Milena Curado realizada em: 14/07/2017).

Analisando as entrevistas percebe-se relativa resistência por parte de alguns moradores ou/e instituições. As ideias trazidas pela exposição estavam, até então, em desacordo com as tradições e outras exposições temáticas mais alinhadas com as oficialidades locais. Falar de representações (no plural) mostrou-se ser um debate sensível à ala conservadora da cidade.

Romper como essa resistência é papel das instituições educativas, como é o caso dos museus. A prática do respeito envolve a compreensão do diverso, proposta central do

MUBAN neste caso. A consequência do não enfrentamento a esses e outros debates similares sedimenta a exclusão e relega a história da periferia como parte do que é centro histórico vilaboense.

Por isso, nos propusemos dar voz aos personagens da trama que envolve a exposição, “Sim estou vivendo”, com vistas à demonstrar o que pode ter causado os estranhamentos referidos entre a instituição, MUBAN e os tradicionais na cidade de Goiás. O primeiro é Leona, travesti e profissional do sexo, que concedeu entrevista a Talga (2015). A segunda é Irani (lésbica e portadora de necessidades especiais). Finalmente, o terceiro é Fabricio, portador de síndrome de down. Diante desses personagens, a diversidade entre eles fica evidente. Embora, a nosso ver, os estranhamentos da ala conservadora têm mais a ver com a moralidade do que com aceitação das limitações do corpo físico.

Leona, hoje com 28 anos, é uma travesti que atende clientes nos arredores da Praça do João Francisco e nas rodovias que cortam cidade de Goiás. Em seu testemunho, ela relata que já sofreu todo tipo de humilhação e violência. Iniciou a vida como profissional do sexo aos 17 anos, mas desde os 12 já mantinha relações sexuais com algumas pessoas. A imagem a seguir, figura 06, mostra a irreverência do seu comportamento nada padrão aos olhos da “fina flor” da sociedade vilaboense.

Figura 06: Leona 2012.



Fonte: acervo de Milena Barros Curado (em cópia digital).

Negra, homossexual e moradora da periferia são marcas evidentes de Leona para a maioria das pessoas. A mesma língua que sensualiza a imagem na figura 06, contou sua história de vulnerabilidade social.

Sua primeira experiência foi aos 11 anos, quando um senhor de mais idade num bar ofereceu-lhe um dinheiro. Mora atualmente com a família numa chácara aos arredores da Cidade. Todas as tardes, se produz e segue para o trabalho. Diz que nunca ficou sem clientes, e que muitas vezes, atende policiais. Seu cachê varia de \$30,00 a \$100,00. Mas constantemente o valor cobrado nunca é pago, e o programa nessas horas é de graça. A maioria dos clientes é da cidade de Goiás e são homens

casados, com idades entre 20 e 60 anos. Em média Leona realiza de dois a três programas por dia (TALGA, 2015, p.26).

No artigo Talga (2015) afirma que as coisas, para Leona, nunca foram muito fáceis. Durante todo tempo que trabalhou como profissional do sexo nunca foi procurada pela secretaria de saúde. Declarando que muitas vezes que precisou de atendimento foi recebida com desrespeito, o mesmo também é tratada muitas vezes por seus clientes. Entre suas memórias, contou que foi estuprada por três homens. Não satisfeitos com um crime, agrediram-na verbal e fisicamente. Ainda assim, segundo os pesquisadores, segue otimista em relação ao futuro, sonhando com negócio próprio para ajudar a família e pagar a cirurgia de mudança de sexo.

Outra protagonista da exposição de 2012 foi Irani José dos Santos. Irani é portadora de necessidades especiais e lésbica. Perguntada sobre o modo como as pessoas a tratavam na cidade, a resposta foi assertiva:

Aqui em Goiás todo mundo tem preconceito, aqui ninguém me vê com os olhos que eu gostaria que visse, aqui, o que mais tem em Goiás é preconceito, em todo termo, em todo. Se ocê é preto tem preconceito, se ocê é branco, branco demais tem preconceito, se tem uma perna ou só um braço é preconceito, se gosta de homem, de mulher... Tudo aqui em Goiás tudo é preconceito (Entrevista com Irani José dos Santos realizada em: 10/10/2017).

É possível perceber que Irani veio sofrendo na cidade ao decorrer de sua vida com (pré)julgamentos, muitas vezes causando a incapacidade de ver um lado bom da cidade por toda discriminação sentida por ela. Conforme mencionamos, como portadora de necessidades especiais, ela critica a falta de políticas públicas de acessibilidade.

Pra falar a verdade pro ocê Goiás nenhum lugar presta, inclusive com essa prefeitura que tá, num tem lazer, aqui não tem lazer, aqui não tem nada, nada, aqui lugar nenhum presta, a não ser dentro da sua casa vendo um filme de DVD de locadora, porque nem pra canal de televisão não tem, presta nada aqui(...). Nem turista tá querendo vim e o lugar que tem um lazer o que você mais vê é matança, as autoridades não toma providência. A prefeitura não traz uma área de lazer pro jovem, não traz uma praça com segurança pra gente sentar e ficar tranquilo que hoje não presta pra nada não vale nada (Entrevista com Irani José dos Santos realizada em: 10/10/2017).

A desesperança da entrevista evidencia-se na imagem enviada por ela, sobre si. A foto na figura 07 revela o rosto de uma mulher de coragem que não se apoia na falta de um dos seus membros inferiores.

Figura 07 - Irani José dos Santos, 2017.



Fonte: acervo pessoal de Irani José dos Santos.

Para concluir foi perguntado sobre o seu sentimento de participar da exposição em estudo. É perceptível que ela gostou da visibilidade dada a ela, mas que na hora de falar ela se sentiu pouco à vontade:

Eu gostei de participar no museu, foi massa azoi, gostei de tirar as fotos, mas tirando disso. (...) Na hora lá que eles perguntava na roda de conversa a gente quase não falava, quer dizer eles perguntavam alguém quer falar?! Eu não levantava porque não dava, não tive oportunidade, pra falar a verdade essa. Quase não levantei, melhor nunca levantei. (...) Agora sobre a roda lá quase não falava não, eles não me deixava falar não, não chamava. Falava assim: alguém quer falar? Quando a gente pensava em falar já passava pra outra pessoa, aí eu quase não falei não (Entrevista com Irani José dos Santos realizada em: 10/10/2017).

Nota-se, em sua fala, alguns ressentimentos. Contudo, é importante destacar que sua narrativa complementa o rol das experiências que buscamos compreender em relação ao que se entende por representatividade e poder na cidade de Goiás atualmente.

A última pessoa entrevistada foi Fabricio com a ajuda de sua mãe, Dona Neide. Fabricio Luís de Oliveira é portador da síndrome de Down, aspecto que explica o cuidado integral de sua mãe. No decorrer da entrevista foi possível ver o quanto Fabricio, conhecido como Fafá, é uma pessoa querida e amada pelas pessoas. A proximidade entre mãe e filho, justifica a entrevista ter sido feita com ambos.

Indagado sobre o seu sentimento de participar da exposição, D. Neide ajuda na construção da resposta do filho:

Ficou feliz, achou que estava bonito e gostou de estar junto dos outros participantes. Ele é uma pessoa muito querida em Goiás. Tem muitos amigos, e tido como uma pessoa do bem, pela sua educação, pela maneira como trata todos e pelo seu interesse em assuntos da cidade. (Entrevista com Dona Neide e Fabrício Luís realizada em: 16/10/2017).

Figura 08 - Fabrício participando do grupo Rosário de Cajá, 2017.



Fonte: Acervo de Neide Maria de Oliveira (mãe de Fabrício).

Fabricio participava, antes de se mudar para São Paulo, de um grupo de tambores chamado *Rosário de Cajá*, na praça do Coreto. A foto na figura 08 mostra o envolvimento do entrevistado com as atividades culturais e a paisagem urbana local. Nesse sentido, dentre as

perguntas feitas, sua resposta a respeito de suas subjetividades em relação à cidade, eles responderam:

Muito apaixonado por Goiás. (...) Mas o lugar que mais gosta é da Praça do Coreto. Ele sempre gostou do centro histórico. Não só pelo tambor. Mas, morei ai no centro quando ele ainda estuda, então ia e voltava sozinho para escola. Todo transito nosso é ai no centro. (...) Gosta muito de festas. Sempre saiu no Afoxé da Vila Esperança. Gosta demais do Rosário de Cajá. E sempre incentivei muito o gosto pela Cultura. Hoje está com 31 anos. (Entrevista com Dona Neide e Fabricio Luís realizada em: 16/10/2017).

É possível perceber que Fabrício é um ser humano muito querido e amado pelas pessoas. Deve ser por isso que sua patologia é popularmente conhecida como síndrome do Amor. Fabricio, segundo a mãe, é uma pessoa muito amorosa e, durante o logo período em que eles moraram na Cidade de Goiás, atuou diretamente nas atividades culturais locais. Esse envolvimento fez dele uma figura popular e respeitada pelos moradores. Sobre esses predicados, a mãe, D. Neide, enfatizou: “(...) Ama dançar. Gosta da alegria. Você conhece ele? Eh muito vaidoso. (...) Eu sou suspeita pra falar. Mas procure saber por outras pessoas” (Entrevista com Dona Neide e Fabricio Luís realizada em: 16/10/2017).

Diante desses argumentos, entende-se que a maneira como cada um vive e convive na cidade depende, também, das pessoas que estão em sua volta. Comparando as experiências de Leona e Irani com Fabrício, continuam sendo diversas. Não temos interesse em dimensionar ou julgar as razões que as diferem, mas sim, pensar que, de algum modo, sensibilidades interligam esses personagens à cidade. Lançar luz sobre esses aspectos é o que motiva essa reflexão e nos impulsiona a trazer outros atores constituintes da memória da identidade urbana vilaboense.

Por isso, é prioridade desse estudo evidenciar que a história urbana da cidade de Goiás é construída não apenas pelas oficialidades. A exposição que ocorrera no MUBAN, em 2012, embasou o interesse pelo tema que objetiva recolocar a experiência de “anônimos” no foco da história a fim de reinterpretar o discurso da tradição sobre a ocupação do espaço urbano vilaboense por meio de exemplos do presente.

3 PAISAGEM URBANA: ressignificando a imagem da cidade-patrimônio

Para fazer história não é necessário se afastar do mundo, das coisas, das pessoas, mas estar tão próximo delas que já não saibamos quando começa o eu e o outro, o eu e o eles.

(Manuel de Barros)

Propõe-se nesse capítulo mostrar uma nova imagem de Goiás - cidade patrimônio - com um novo significado que de fato faça sentido para agentes históricos que são inseridos mais à frente. O espaço do centro em sua condição atual juntamente com sua arquitetura e monumentos grandiosos, contrasta com personagens que pertencem ao cotidiano, interagindo também com os indivíduos que estão ali. Na maioria das vezes esses protagonistas são vistos apenas de maneira superficial, no entanto, se tornam uma incógnita sobre quem de fato são, quais seus nomes, suas histórias, seus discursos e sentimentos sobre si mesmos no espaço que em que estão inserido.

Esse trabalho além de dar valorização a essas pessoas também dá lugar e espaço para que falem e sintam verdadeiramente sua existência. Incluir tais pessoas na história da cidade vem ao encontro a reconhecer e estimar o outro, dando forma, voz, contorno e lugar para as demais pessoas que pertencem à cidade e fazem parte de maneira muito direta a seu cotidiano.

Sujeitos como o tio do algodão doce, o tio da pipoca, a “Badiinha”, são gente do povo, e existem sobre eles variadas representações. Em suas gêneses, suas origens e na maneira como se relacionam com a cidade podem dizer muita coisa. O que pode se observar é que as pessoas de uma maneira geral passam a maioria de seu tempo trabalhando ou às vezes se dedicando a coisas que fazem sentido para eles. Dessa maneira as atividades exercidas podem ser prazerosas como nos últimos casos, ou podem ocorrer de forma mecânica devida à necessidade.

As pessoas entrevistadas vão nos mostrar que é possível sentir-se realizado em suas convicções e ações de maneira que a prática não se desmembre do discurso. O que se pode observar é que uma vida de dedicação e esforço tem consequência num bom envolvimento com seu trabalho e com as pessoas. São exemplos de autonomia, empenho, luta e desconstruções que de forma simples ou às vezes peculiar, como é o caso de Abadia, vão se auto afirmando e tornando-se identidades representativas sociais dentro de um mesmo espaço urbano.

Analisar esses agentes como representantes requer, como diz Chartier (1988), colocá-los num campo de concorrências e competições, quer dizer no jogo de poder e dominação na

sociedade. Não é nova a discussão que mostra a história e os discursos que se determinaram consagrar, preservar, perpetuar, porém em contrapartida emerge essas novas representações, com novas concepções de mundo e valores demonstrando resistência a estes domínios que na maioria das vezes se mostram impositivos.

Partindo desse pressuposto pensamos a cidade como afirma Pesavento (2007) num espaço de sociabilidade que comporta atores, relações sociais, práticas, grupos, hábitos, etc. A cidade é, portanto um lugar coletivo de interação e movimentos sempre instantâneos. A diversidade é outro aspecto evidente na sociedade. Assim, entende-se que a herança simbólica não perpassa pela pluralidade cultural intrínseca às formações urbanas.

Nos próximos itens serão mostradas e analisadas entrevistas que buscam compreender a história de sujeitos sociais que vivem diariamente no espaço central, que fazem parte da história e da cultura da cidade, e por isso o interesse em saber mais da história de vida desses sujeitos, seus sentimentos em relação à maneira que vivem que acabou tornando-os representações sociais nesses espaços. Juntamente com as análises desses discursos serão trazidas imagens, fotografias dos mesmos, para que essas pessoas tenham rosto, forma e identidade.

Barbosa (2017) discute que as imagens podem produzir pensamentos e sentidos, pois guardam memórias. É como se congelassem por um instante aquele momento, e na análise é possível evidenciar sentimentos, emoções, realizações, encontrando também toda beleza em elementos cotidianos tão invisibilizados. É nas análises que o que está aparente e o que é “verdadeiro” de fato andam uma ao lado da outra.

Nos próximo itens serão inseridos: Seu Olevane Antônio dos Santos mais conhecido como Tio do algodão doce, João Luiz Jacinto mais conhecido como “Ti” da Pipoca, e Maria Abadia Pereira da Silva mais conhecida como Badiinha. Os dois primeiros serão apresentados por meio de entrevistas. Já a última, por conta de seu transtorno mental e por todas as imprevisibilidades trazidas por ele, não foi possível entrevista-la, no entanto seu modo de ser e viver pode, juntamente com a fotografia analisada dizer muito sobre ela.

Os entrevistados ficaram muito felizes ao serem procurados. O fato de alguém se interessar por suas histórias dando a eles espaço para falar, mostrar seus pensamentos e consequentemente suas sensibilidades além de enriquecer o trabalho, levou alegria a eles. Mais que história de generais e heróis, histórias de pessoas simples merecem ser ouvidas e pensadas.

3.1 Adoçando o dia a dia de pessoas: Tio do Algodão Doce uma história de luta, amor e dedicação

Tio do algodão doce é assim que seu Olevane Antônio dos Santos é mais conhecido. Com 60 anos de idade; todos os dias organiza-se e sai andando por toda cidade vendendo seu algodão doce. Olevane não se restringe somente ao centro e aos arredores, vai também para o Bacalhau e Goiás II, que fica literalmente às margens da cidade. Todo esse percurso seu Olevane faz a pé, caminhando sozinho. Foi feita entrevista com ele para que saibamos um pouco mais de sua história e suas sensibilidades em relação ao seu trabalho.

O tio do algodão doce é muito conhecido em toda cidade, mas como foi citado anteriormente de forma superficial pela maioria. Um personagem que se faz notar por seu trabalho, sua presença cotidiana nos diferentes espaços e pela humildade quando tratado de maneira direta. Não são raras as histórias que seu Olevane tem um coração grande cheio de amor, muitos já tiveram a oportunidade de vivenciar pequenos atos de humanidade feitos por ele, quando a criança tem vontade do algodão, mas a mãe não tem dinheiro no momento ou mesmo condições, as situações podem se variar:

“Acontece todos os dias. Sempre a gente traz pra mais pra esse fim. Deixa eu te falar, eu sou um vendedor assim ó, eu não deixo criança chorar. Às vezes ela quer e a mãe não tem dinheiro. Quando mãe fala assim: ai meu filho eu não trouxe dinheiro e tal, ai eu já encosto lá sabe. É muito importante, a criança se sente bem, eu me sinto bem. Agora quando a mãe não aceita ai eu já me sinto mal. Porque acontece tem mãe que não aceita. E a criança fica chorando ai a gente se sente mal, pela criança”. (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Indagando seu Olevane como ele se sentia em relação ao seu trabalho, se ele gostava, qual era o sentimento dos lugares que ele ocupava, se o centro era importante para vendas dele, e até mesmo onde ele vendia mais:

“Me sinto bem. Gosto de vender, adoro, muito bom. (...) Me sinto bem também, as pessoas me tratam bem. O centro é importante, a gente trabalha muito com turista né, então é importante. Nos finais de semana é sempre aqui no centro, no meio de semana mais nos arredores.” (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Suas respostas são dadas de maneira humilde e muito direta, que faz perceber sua certeza ao falar de seu trabalho, Olevane se sente de fato realizado com o que faz, e vindo de uma realidade de muito trabalho pesado e certo isolamento por morar boa parte de sua vida em fazenda, considera seu atual trabalho relativamente leve, e ama o fato e trabalhar com

crianças e jovens. A ideia de mexer coma algodão doce surgiu devido às necessidades e fatores externos que acabaram por influenciá-lo:

“Assim, é... Só com ele mesmo têm uns seis anos, mas antes a gente trabalhava na rua com outras coisas né. Eu trabalhava na fazenda e trabalhava na cidade com pipoca. Depois quando eu mudei pra Goiás, eu deixei a pipoca e passei pro algodão doce. Eu trabalhava aqui em Faina. (...) Eu sou de Novo Brasil. Eu mudei pra Goiás já tem uns quinze anos (...). A ideia de mexer com algodão doce é porque aqui as ruas tem muita subida, e eu moro lá em cima né. Com a pipoca era mais difícil ficava mais pesado né. Doze anos mexendo com pipoca, trabalhava na fazenda... Sempre na fazenda. Durante o dia e a noite na cidade.” (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Seu Olevane conta que desde que nasceu mora na fazenda e sempre trabalhou lá. Conheceu sua esposa numa chácara vizinha e sempre tiveram essa vida rural. Passou a ir com mais frequência à cidade depois que as filhas começaram a estudar. Como as meninas estudavam no período noturno, ele tinha que ficar à espera delas para voltarem pra casa. Aproveitando esse período de ócio teve a ideia de vender pipoca para melhorar a renda familiar. Durante doze anos trabalhou durante o dia na lida da fazenda e à noite, vendendo pipoca na cidade.

Olevane diz que quando vendia pipoca ganhava mais. Seu sustento e de sua família são tirados da venda diária do algodão e algumas festas onde ele também leva o algodão doce: O dinheiro que recebe dá para manter as despesas, já que ele ainda não é aposentado.

“Das festinhas que a gente mexe, vendendo na rua né. Mantém despesa de casa mantém filho na escola. Minha menina agora tá pegando uma bolsinha. Já ajuda um pouco né. Ela faz faculdade. (...) Faz pedagogia em Itaberaí. Tenho quatro filhas. Assim comigo só tem uma né três são casadas. Aí só uma que não quis fazer faculdade, as outras tudo fez.” (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Olevane diz que gosta de trabalhar com crianças, com jovens adolescentes. Faz uma reflexão comparativa interessante sobre estes dois, diz ainda que muitas vezes a venda ultrapassa somente esse contato da mercadoria e tem o diálogo. Sente-se muito bem com o que faz e ainda acrescenta que nunca foi tratado mal, até mesmo porque quando as pessoas o procuram, querem de fato seu produto, então sua relação com as pessoas é sempre tranquila:

“Eu adoro muito trabalhar com criança mas mais com jovem. Porque o jovem é mais diferente, não depende da mãe. E o jovem tem o mesmo instinto da criança. Pra mim eu me sinto assim: os jovens na faixa de 14, 15 anos pra mim é o mesmo que criança. (...) Comprar às vezes bate um papo, trata a gente bem demais, é bom demais. É a minha alegria é isso.” (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Perguntado ainda qual parte da cidade se sentia melhor sua resposta foi rápida e muito objetiva: no setor João Francisco, essa afirmação veio com uma expressão de paz, de pertencimento, de amor e talvez recordações dum lugar que lhe causa de fato bons sentimentos. Era o lugar que quando chegou em Goiás mais vendia e frequentava também, acabando por fazer muitas amizades, até mesmo com os bêbados que ficam naquele espaço Olevane tem uma boa relação:

“Assim que eu sinto melhor mesmo é lá no João Francisco, lá eu gosto de lá de tá lá sabe, sempre eu ando, todo dia a noite eu tenho que ir lá. Eu moro na saída de Goiânia acima do viaduto. Parece que eu me sinto bem com o ar, com as pessoas sabe?! Ai eu vou todos os dias. Eu vou sento fico ali na praça, até da hora deu ir embora. (...) Conversa assim, as vezes trata a gente bem, tem os probleminhas deles, mas com a gente não tem. Eu gosto do ambiente, parece assim que a gente adaptou com o ambiente, tem muito tempo também que a gente trabalha ai.” (Entrevista com realizada com Olevane Antônio dos Santos em: 17/10/2017).

Pode ser constatado que Olevane tem uma boa relação com seu trabalho e com as pessoas que convive diariamente. O que ele faz todos os dias a partir das 15:00 é mais que apenas um serviço que tira sua renda, é uma realização. Olevane sente gratidão, sente alegria, fala sorrindo do que faz, faz com amor, com dedicação, faz porque gosta e todos os dias segue rumo a sua rotina. O fato de ter trabalhado muitos anos de sua vida na fazenda em trabalho pesado, supostamente num certo isolamento pode fazer com que essa relação direta com as pessoas lhe cause alegrias. A circunstancia de conviver com jovens, crianças e poder adoçar o dia a dia de alguns numa sociedade que de fato consome o causa sentimentos bons. Privilegio é quem dorme e acorda sabendo que no outro dia vai trabalhar com que gosta, com o que te realiza e mesmo com as dificuldades o trabalho é uma maneira de estímulo para continuar a luta.

Figura 09 - Olevane, Centro, 2017.



Fonte: Dhyovana Silva Cardoso

Podemos perceber na imagem a o vendedor em meio a monumentos arquitetônicos de poder. Ele de maneira simples, despreocupada e alegre, vende sua mercadoria, de modo que o

centro histórico como espaço serve para comercializar uma maior quantidade de algodão aos finais de semana. O lugar que ele realmente sente-se à vontade fica na periferia, as margens, não tem nenhum prestígio. Olevane gosta do João Francisco, dum lugar simples, composto de pessoas ainda mais simples. É ali que chega um sentimento de plenitude, que o acompanha em sua realização de cada dia.

3.2 O gostinho especial da praça do coreto: a pipoca de João Luiz o pipoqueiro que se fez ali

“Ti da pipoca, se perguntar meu nome João Luiz ninguém me conhece. Se falar Ti da pipoca: ah! eu conheço sim.” É com essa frase que João Luiz Jacinto inicia a entrevista. Aos seus 43 anos de idade, todos os dias às 13:00 já começa a organizar-se para seu trabalho. Seu ponto fixo é na praça do coreto. Diz que das 15:00 em diante na maioria dos dias as pessoas podem ir que ele já está lá. Geralmente tira a segunda para “descansar os pés”. Perguntado se gosta de trabalhar naquele espaço e se gosta de trabalhar com pipoca, como se sente, João Luiz responde:

“Ixe ótimo, já tem 10 anos que estou aqui trabalhando, se tivesse 20 eu queria mais 20. Em julho agora fiz 10 anos que eu trabalho aqui com pipoquinha, aqui na pracinha. (...) Gosto daqui eu sinto que aqui é minha casa né, minha vida aqui, porque eu tiro meu sustento daqui né. Todo dia eu tô aqui, todo dia.” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

É possível perceber o amor e a gratidão que tem por sua profissão. Gosta do que faz e faz com carinho, até a forma como fala “pipoquinha, pracinha” evidencia o afeto ao mencionar as suas atividades. João Luiz veio de uma realidade de muito trabalho e pouco salário. Acabou por desenvolver problemas de coluna em um de seus empregos e luta até hoje na justiça por sua aposentadoria. Este problema acabou-lhe impondo limitações físicas, por esse motivo vende suas pipocas somente na praça:

“É porque eu tenho problema na coluna né, não aguento tá andando muito. Ai eu guardo o carrinho aqui pertinho, tem uma clínica dentista ali, do João Isaac, eu guardo lá naquele portãozinho de cá, no corredor. (...) Então às vezes aparece muitas festas por ai, mas eu não dou conta de tá empurrando carrinho né. Eu tenho desgaste no fêmur com a bacia né ai não aguento nada. (...) Fisioterapia já fiz umas 90 sessões, mas não adianta, fica bão na hora que tá fazendo, terminou acabou. Moro lá no setor Vila Boa perto do velhinho do algodão. Nós mora vizinho de setor ele na Vila União e eu no Jardim Vila Boa. Venho de bicicleta, as vezes trago a panela de pipoqueiro, alguma coisinha na garupa né.” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

Seu problema veio em decorrência do trabalho pesado que exercia no frigorífico em Goiânia. Era desossador. Daí veio o desgaste na coluna. Logo após o aparecimento do problema de saúde, João conseguiu encostar pelo INSS, recebeu um período mas ficou um período de 16 anos sem receber, indagado sobre o que fez durante esse tempo João responde:

“Antes eu vendia bola, algumas coisas andando na rua. Aí tinha um outro senhorzinho que trabalhava aqui até chamava Seu Nei que vendia pipoca. (...) Punha bola no saco e saía, aquele sacão de bola grande. Aí eu saía na rua vendendo. Meu ponto era aqui. Eu chegava, amarrava o saco de bola no postinho de luz ali e ficava conversando com ele. Era isso. Eu vivia disso. Aí quando não era bola, era raquete, brinco, que eu faço brinco também né. Afetava minha coluna. Quando era à noite eu não dormia o que presta. Aí na hora de levantar de manhã era um problema. O senhorzinho sumiu não tava vindo nem nada, eu não sabia onde era a casa dele. Quando foi um dia andando lá no João Francisco vendendo raquete, quando é fê eu passando na rua ele me gritou: ou vem cá uai. (...) Ó você não quer me comprar esse carrinho de pipoca não?! Iii é o meu sonho, quanto você quer no carrinho? Eu dou ele pra você por 250,00, é o que quero nele.” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

João foi trabalhar para comprar o carrinho, pois segundo ele não tinha um real no momento:

“Lembrei duma mulher lá no Goiás II que queria 50 par de brincos, queria pagar mais barato neles. Eu queria 3,00 e ela 2,00. Fiz a dois e ela comprou o painel. Deu cento (...). Fiquei na alegria né. Aí vim embora comprei os trenzinho de eu trabalhar. Fui lá, busquei o carrinho. Chegou lá em casa limpei o carrinho, parece que eu descrenciei... Mas não é possível, desossador virar pipoqueiro menino. A muié veio e falou uai João você tava tão animado pra trabalhar, cê desanimou. Aí eu levantei e falei: hoje eu vou! Não, hoje eu vou! Fiz uma panela de pipoca branca pus aí, fiz umas três de doce pus aí, e subi. Quando eu cheguei no primeiro posto lá eu tive que parar e fazer outra panela de pipoca branca, quando eu cheguei aqui que fui contar o dinheiro. Que fui contar o dinheiro menina, já tava com 60 reais no bolso. Era festa de Senhora de Santana. Cheguei, aquele tanto de gente menina, na praça. Fila pra comprar. (...) Cheguei em casa fui contar o dinheiro deu 250 conto. Vixe Maria, sou pipoqueiro, de hoje em diante sou eu mesmo tem jeito não. Aí animei. Aí eu animei. Dormi até pouco a noite pra arrumar os trem no outro dia. E aí tô aí!” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

Sobre os brincos João explica que não vende em seu ponto, pois alguns clientes da pipoca reclamaram que um produto atrapalharia o outro. Desde então João vende somente para as lojas de artesanatos, em torno de 50 a 60 pares.

Indagado se as pessoas o tratavam bem. Veio-lhe à memória uma lembrança traumática que marcou negativamente sua vida. Oito meses após a morte por afogamento de um filho, João foi obrigado a parar de vender sua pipoca.

“Nossa senhora! Olha, outra coisa eu vou te contar. (...) Olha aqui, foi na outra gestão passada, antes da Selma. Aí eu trabalhava com pipoca aqui a secretaria de turismo (...) ela pôs pra tirar o carrinho de pipoca da praça. Cê pensa (silêncio) conseguiu tirar, mas aí eu entrei na justiça, três dias depois eles me pôs aqui de

volta (...) Aí, foi um sacrifício minha filha. Tava fazendo oito meses, oito meses que eu tinha perdido meu filho, eles me faz uma desfeita dessa. Ah, pra mim começou tudo de novo. Passei, fiquei ruim Nossa Senhora! É cada coisa que acontece. Tirou o carrinho de pipoca porque o carrinho de pipoca atrapalha os turistas. Olha pra você ver. Aí o Juiz pois assim ó, no mandato de segurança: eu não vejo poluição visual no carrinho de pipoca eu vejo um alimento de todos nós. Aí matou ela a pau né. É cruel. (...) A gente cria os filhos não é pra gente é pro mundo né. (...) Faleceu afogado. E ela vem de vez em quando comprar pipoquinha pros netinho. Vem ela com os netos eu fico olhando. (...) Ela não lembra, mas eu lembro ela né (risos)? A gente pega um degrauzinho acha que tá podendo né? Perder pra um pipoqueiro é cansada né? Pra mim ela é uma autoridade né? Perder pra um pipoqueiro?! Foi muita coisa né? (risos)” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

Mesmo com a decisão judicial favorável, esse fato o entristeceu bastante devido ao momento de fragilidade pelo qual estava passando. João Luiz lembra do episódio com muita riqueza de detalhes, mas ele diz ainda do modo como geralmente as pessoas o tratam, enfatizando que nem sempre é possível agradar todo mundo:

“Gosta assim... Às vezes muita gente fala assim: a você, atende bem, todo mundo gosta do cê, todo mundo te acha legal, uma pessoa boa pra atender. Mas às vezes, tem hora que você fala alguma palavra que ninguém gosta né, acontece, não agrada todo mundo. Todo mundo me respeita, eu respeito todo mundo.” (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

Indagado ainda sobre a parte da cidade onde se sente melhor, sua resposta foi rápida e concisa:

Aqui, aqui é meu ponto. Se você quiser me encontrar e for lá em casa é mais fácil você me achar aqui do que lá. Às vezes eu não venho cedo, mas na parte da manhã eu ainda venho aqui assim mesmo. Faz o sustento da minha casa com o dinheirinho que ganho aqui”. (Entrevista com realizada com João Luiz Jacinto em: 17/10/2017).

Figura 10 - João Luiz, Centro, 2017.



Fonte: Dhyovana Silva Cardoso

Na imagem, pode parecer que João Luiz e seu carrinho de pipoca fazem parte da paisagem da praça do coreto, são elementos integrantes do contexto. João Luiz demonstra, tanto em seu semblante quanto no seu discurso, amor por sua profissão. Estando sempre disposto e feliz para atender seu público e crianças, João Luiz ama o que faz e faz com cuidado, amor e dedicação. Todos que passam ali o conhecem, até mesmo as crianças o cumprimenta feliz. O Ti da pipoca, com pipoca de sal ou de doce, dá um gosto especial às tardes da praça.

3.3 Badiinha mulher autônoma e decidida, personagem marcante na história da cidade

Maria Abadia Pereira da Silva, popularmente conhecida como “Badiinha”, pode ser caracterizada como uma mulher, pobre, negra e supostamente atribuída pelo senso comum como “louca”. A nomeada personagem, foi criada por sua madrinha, tem paixão pelo futebol, carnaval, e política. No carnaval usa uma das mais belas fantasias, vestido rodado cheio de brilho, canta, dança, festeja e desfila. Quando é jogo do Brasil Abadia se torna uma patriota, suas roupas e unhas refletem bem isto: verde e amarelo. Faz-se notar, chama a atenção de todos e todas, sempre com um sorriso no rosto evidenciando sua alegria.

Trata-se de uma mulher, pobre e negra que resolveu viver sua vida de modo peculiar para os padrões temporais e culturais que a influenciaram, ou seja, livre. Mesmo diante da condição de minoria, “Badiinha” é uma das personalidades amplamente conhecidas na Cidade de Goiás. Albuquerque Júnior (2007) diz que ser livre não é estar conforme alguma coisa, mas questionar qualquer coisa, abrindo possibilidade de interromper, rejeitar ou inverter as formas socialmente aceitas como verdadeiras.

Seu modo peculiar de ser e viver fez dela uma das referências sociais e culturais, uma representação urbana da antiga capital do Estado. Personagem expressiva da cultura popular vilaboense, especialmente do carnaval de rua, sua representação comumente exacerbada no modo de vestir, faz crer que sua vida cotidiana é um eterno carnaval sem máscaras. Seu modo de vida é visto por muitos como estranho, passível de loucura e sem nexos, as rupturas com os padrões convencionais (inclusive o padrão feminino de seu tempo) serviriam para excluí-la social e culturalmente.

Observando os hábitos de “Badiinha”, tem-se a impressão de que a Cidade de Goiás, de algum modo, se alimenta de seus costumes peculiares, que possibilitam à cidade constituir uma identidade única, representativa e, sobretudo, interessante ao campo científico que se debruça em temas variados sobre a cultura e a história deste espaço de memórias urbanas.

Desse modo, entendemos que personagens singulares, como é o caso de “Badiinha”, desprovidos da necessidade de estar em lugar comum, podem, de algum modo denotar a construção e reconstrução constante dos valores culturais que desembocam na cidade e seu respectivo processo de mudança cultural e social. Um espaço permeado por curiosidades, ideias, visões, formas de ser, pensar e sentir. Uma cidade patrimônio da humanidade onde encontra-se também outras referências que evidenciam dissonâncias históricas.

As informações formais que se tem de Badiinha são poucas. De onde de fato veio e qual sua história antes de chegar em Goiás não foi possível apreender, mas por sua relação forte e intensa com a cidade e as festividades, é possível notar características dessa agente histórica e todo seu envolvimento com a cultura local.

A certidão de nascimento de Maria Abadia Pereira da Silva, mostra que ela nasceu em 15 de agosto de 1938, foi registrada em março de 1978, aos 40 anos. Nasceu em Morrinhos, estado de Goiás. Seus pais Domingos Pereira da Silva e Maria Felipe Mazael Finópolis. Percebe-se que Badiinha tem somente o sobrenome do pai.

Figura 12 - Documento de identidade e comprovante de residência de Maria Abadia.

RG (Registro Geral): VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL. REGISTRO GERAL: [REDACTED]. DATA DE EXPEDIÇÃO: 26/JUL/2003. NOME: MARIA ABADIA PEREIRA DA SILVA. FILIAÇÃO: DOMINGOS PEREIRA DA SILVA, MARIA FELIPE MAZARE, RINOPOLIS. MORRINHOS-GO. DATA DE NASCIMENTO: 15/AGO/1938. DDC ORIGEM C.NAS. 3666 FLS. 154 L. 03 A GOIAS GO EM 15/12/1988. CPF: 30738040. LEI Nº 7.116 DE 29/08/83.

Carteira de Identidade: GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. DIRETORIA GERAL DA POLÍCIA CIVIL. INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO. NÃO ALFABETIZADO. CARTEIRA DE IDENTIDADE.

CELG - Companhia Goiana de Energia
RUA 02 QD. A-37 S/No - JARDIM GOIÁS
74.805-520 - Goiânia - Goiás
CNPJ 01.543.032/0001-04
INSCRIÇÃO ESTADUAL 100.549.420

VENCIMENTO: 24/02/2004. VALOR: 594,00. BANCOPARCELADOR: 00.0000. CONTA: 009 000228 3.

CLIENTE: 0701435 MARIA ABADIA PEREIRA DA SILVA
GOIAS - GO
** CIDADÃO CAO BRAVO **01-06817

11.02.2004

- 0800-621196 - Atendimento Comercial e de Emergência - CELG
- 0800-621500 - Ouvidoria - Celg
- 0800-7043200 - Agência Goiana de Regulação - AGR
- 0800-612010 - Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL

PAGAMENTO: Esta fatura poderá ser paga nas Agências Bancárias e Correios conveniados, Agências Lotéricas e nos Caixas Pague Luz.
ATRASO DE PAGAMENTO: As contas não pagas até a data do vencimento, sofrerão multa moratória de 2%, mais juros de 1% a.m. e IGPM aplicada sobre o valor da conta e será suspenso o fornecimento após o 15º dia.
ATENDIMENTO AO CLIENTE: As informações sobre as condições gerais de fornecimento, tarifas, produtos, serviços prestados e impostos se encontram a disposição dos clientes nas agências e postos de atendimento.
CONSULTA SOBRE CONSUMO: Em caso de dúvida sobre consumo, assinale a posição dos ponteiros ou anote os números nos quadros abaixo e dirija-se a agência de atendimento com a última fatura recebida.

Fonte: INSS.

Badiinha já foi tema de publicação no jornal Diário da Manhã. Nesse documento é possível perceber características que chamam atenção nessa personagem que mesmo estando em meio de tudo e todos deixa um ar de mistério, sobre quem realmente é de onde de fato veio e seu modo singular que vive a vida. Marly Mendanha, artista plástica, documentarista, escritora e diretora da Escola de Artes Plásticas “Veiga Valle” da cidade de Goiás foi a responsável pelo texto.

Figura 13 - Reportagem sobre Maria Abadia.

Diário da Manhã

GOIÂNIA, DOMINGO, 12 DE FEVEREIRO DE 2012



Metamorphose ambulante

Marly Mendanha
Especial para OPINIÃO PÚBLICA

Mulher decidida, ou ela ama de paixão ou ignora totalmente quem não lhe é do agrado. Com um sorriso intencional, dá bom-dia quando é noite, e dá boa-noite quando é dia.

Menina moça, criada pela "Dindinha", que também conhecida era, como dona Nenê, na pensão da Praça 11 de setembro, hoje Maestro João Ribeiro. Ela lustrava o chão e ajudava na cozinha. De onde veio? Não sei precisar...

Seus hóspedes, pessoas simples do povo, pobres viajantes. Um dia, já sem a Dindinha, mesmo permanecendo na pensão, ela se viu sem chão e só, no seu mundo interior. Andava pela praça, pelas ruas, almoçando aqui, jantando ali. Por várias vezes, a seu pedido, prendi seus cabelos e colori de verde e amarelo suas unhas, enfatizando assim seu imaginário.

Nestas idas e vindas, conheceu o outro lado da cidade, as festas populares, descobriu que gostava de carnaval, futebol, política e religião. Então, aquela mulher anônima, agora se faz presente no contexto cultural da cidade.

Hoje, sua atuante participação e singular vestimenta, por ela decorada, é de fazer inveja em muitos estilistas ditos "famosos". Em sua passarela, pelas ruas de pedra, ela caminha concentrada e soberana. Há uma gama diversificada de cores, tecidos e modelos, gliter, santinhos, rendas, saias rodadas e ainda outros que fazem parte dos modelitos de "Badia".

Badia que está no Dossiê do Patrimônio, Badia que samba no carnaval e coleciona troféus, Badia que é amiga do Hospital São Pedro e que enfeita altares, que tremula a bandeira do Brasil na época da copa, e torce para seu candidato na época das eleições.

Mulher decidida, ou ela ama de paixão ou ignora totalmente quem não lhe é do agrado. Com um sorriso intencional, dá bom-dia quando é noite, e dá boa-noite quando é dia. Às vezes usa sapatinha que reluz como ouro, outro dia, vai de botina mesmo e pisca firme esse seu chão vilaboense.

Então, como uma metamorphose ambulante, assim é nossa querida Badia, também, Patrimônio Mundial da Humanidade.

(Marly Mendanha, artista plástica, documentarista, escritora e diretora: da Escola de Artes Plásticas "Veiga Valle" da cidade de Goiás).

Fonte: Acervo de Marly Mendanha.

No documento em questão pode-se analisar aspectos da vida de Badiiha. Segundo Marly Mendanha ela foi criada pela madrinha, conhecida como dona Nenê numa pensão que existia na praça 11 de setembro (hoje Maestro João Ribeiro). Abadia lustrava o chão e ajudava na cozinha. De onde realmente veio nem Marly nem as pessoas que a conhecem não

sabem precisar. A escrita da autora é bastante sensível, demonstrando carinho por Abadia e compreensão sem julgamentos à sua situação.

Marly Mendanha diz que quando dona Nenê faleceu, Abadia se viu sem direção: “ela se viu sem chão e só no seu mundo interior. Andava pela praça, pelas ruas, almoçando aqui, jantando ali. Por várias vezes a seu pedido, prendi seus cabelos e colori de verde e amarelo suas unhas, enfeitando assim seu imaginário.” Este hábito mostra que o simples também lhe faz feliz, o fato de poder colorir as unhas de suas cores preferidas demonstra o quanto ama seu lugar e o orgulho que tem em ser brasileira.

Para Marly, nessas idas e vindas descobriu que gostava de carnaval, futebol, política e religião. Então aquela mulher anônima, passa a se fazer presente no contexto cultural da cidade. A partir daí percebe-se que Abadia se fazia atuante no cenário central da cidade, participando de folias, de passeatas, de jogos e do carnaval como uma das principais atrações. Todos os ano tem-se uma expectativa sobre qual será a fantasia de Badiinha, seu desfile, sua alegria. Abadia é sem dúvida famosa e representativa na cidade, e acaba por evidenciar ambiguidades que dão certo.

Em sua passarela, pelas ruas de pedra, ela caminha concentrada e soberana. Há uma gama diversificada de cores, tecidos e modelos, glíter, santinhos, rendas, que compõem os modelitos de Badia. Ela gosta de roupas rodadas. Não é nada discreta ou clássica, ela causa, ela é de fato imperante, altiva, excêntrica, ela é ousada e autônoma e é isso que causa no povo inquietações. Abadia é ela e ponto. Sem preocupação em agradar ninguém!

Abadia está também no Dossiê do Patrimônio no anexo IV está no samba. É amiga do Hospital São Pedro. Enfeita altares. Balança a bandeira do Brasil na copa. Torce e defende seu candidato em épocas de eleições. É uma mulher decidida, de extremos “(...) Ou ela ama de paixão, ou ela ignora totalmente quem não é de seu agrado. (...) e pisa firme esse chão vilaboense.” Abadia é uma mulher de personalidade e decisão.

Marly Mendanha conclui: “Então, como uma metamorfose ambulante, assim é nossa querida Badia, também, Patrimônio Mundial da Humanidade.” Dessa maneira pode-se observar que Abadia é uma mulher muito querida na cidade, que quebrou paradigmas, e chamou atenção por sua maneira única de levar a vida. Não casou, não teve filhos e nem é vista flertando. Ela é amiga de muitos, mas quando está com a pá virada mal os cumprimenta. São várias as vezes que Badiinha conversa com pessoas marginalizadas na sociedade, bêbados, moradores de rua e deficientes mentais. É uma mulher que todos sabem quem é causando admiração e espanto. De fato Abadia tornou-se personagem folclórica da cidade.

Figura 14 - Maria Abadia, 2015.



Fonte: Acervo pessoal de Aninha Pelhus.

Como dito anteriormente Abadia tem verdadeira paixão pelo carnaval, sua história está entrelaçada a esta festa. Seu modo peculiar de vestir, andar e se comportar chama atenção pela cidade. Ela se apegou com os bens imateriais da cidade, aquilo que de fato é cultura, é vivência. Veste-se com o se sente bem. Abadia é um ícone da cidade. Na imagem ela sorri e demonstra sua alegria. Percebe-se que ainda está claro, geralmente os desfiles acontecem no período noturno, mas Badiinha já está pronta. Ela sai pelas ruas desfilando. É seu momento,

seu ápice. As pessoas a abordam tiram foto com ela, a gritam e ela se torna rainha soberana com sua fantasia excêntrica, singular, que vai ao encontro com que ela realmente é.

Abadia é conhecida por todos, por sua maneira de viver que fugiu de padrões comportamentais e familiares. Não se casou, não teve filhos e é uma pessoa visivelmente sozinha. Ela tem amigos e as pessoas com que conversa, mas mora só. Fica implícito que ela não se importa com sua relativa solidão. Sua companhia se basta, e mesmo com motivos para chorar, desistir ou se vitimar, ela é forte, ela é sincera, ela é autônoma, verdadeira; ela anda sorrindo. Ama Goiás e sente que sua casa é aqui. Como se a cidade e as pessoas tivessem a acolhido e ajudado. Diz o ditado popular que de gênio e louco todo mundo tem um pouco, daí refletimos a identificação com a personagem em questão: ela vive de modo que seu discurso e suas convicções andam juntamente com sua prática. Ela faz, fala e vive o que gosta, sem máscaras, sem fingimento. Isso se torna admirável. É a filosofia e prática de vida que muitos querem alcançar: a sonhada liberdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a história não é produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário, ela se constrói no dia-a-dia de discretos atores que são a maioria.

(Mary Del Priore)

Partindo do pressuposto que a história é também feita por pessoas invisibilizadas, percebemos o quão importante o outro se torna para que se possa acessibilizar fazeres, modos de ser, estar, sentir, histórias de excluídos, minorias, pessoas “desimportantes,” indiferentes e aparentemente sem nenhuma contribuição a dar para a sociedade. Este trabalho buscou discutir as representações que a sociedade tem sobre sujeitos históricos ofuscados, ou mesmo excluídos devido a tradições que se acentuam em nossa condição atual.

Foi preciso pensar essas pessoas em meio a um espaço simbolicamente construído e oficialmente tombado como Patrimônio Mundial da Humanidade, espaço de poder, tradição que se impõe historicamente com superioridade às pessoas. A ocupação do espaço central nos interessa porque pensamos como Pesavento (2007) que a cidade é mais que construções e arquitetura, ela é gente, suor, sangue, histórias, memórias e muito trabalho.

Tangencia-se a possibilidade de enxergar a cidade com base em expressões sensíveis, embutidas em diferentes valores e legados que se entrelaçam na ambivalência das temporalidades que, neste caso, se cruzam. Percebe-se que no que se refere à sociabilidade, a autora discute a produção de imagens e discursos relevando a percepção de emoções e sentimentos permeados pela vivência urbana e, portanto, agentes que revelam variadas emoções tanto individuais ou coletivas expressando subjetividades constantes.

No entanto é evidenciado as diferenças no espaço urbano. O lugar de cada um, a *invenção de tradições* e espaços consagrados tornam-se dimensões tangíveis. Na Cidade de Goiás, ao final dos anos de 1990, foi produzido um documento que ficou popularmente conhecido como *Dossiê de Goiás*, que legitima o tombamento patrimonial da cidade, ocorrido em 2001, sendo sua argumentação, a fundamentação histórica de relevância cultural da cidade para a humanidade.

Mas, é importante considerar que os “invisíveis” deste discurso, são parte integrante do que se vê na paisagem tombada. Assim, entende-se que a herança simbólica não perpassa pela pluralidade cultural intrínseca às formações urbanas. Compreendemos as diversas identidades e suas multifacetadas histórias e modos de levar a vida.

Nas relações temporais determinou-se o que se preservaria, do mesmo modo o que não era importante, Delgado discute o termo “invenção da cidade” chamando atenção para um

trabalho que teve como objetivo a produção, gestão e imposição de determinada memória coletiva. Nesse mesmo processo de constituição de conteúdos para o passado existe certo grau de investimento para cristalizar e naturalizar determinadas memórias que representaram a sociedade, como os vários significados atribuídos ao passado.

Essa política de tombamento segundo Delgado (2005, p.131) “preservou os testemunhos do poder de uma elite e com eles se propôs a construção da identidade histórica e cultural da nação brasileira”. Isso legitimou a exclusão de grupos sociais. A edificação da memória coletiva configurou-se por uma forma específica de dominação simbólica. Quando se julga aquele como patrimônio desqualifica o outro, como se outros espaços e demais pessoas não contribuíssem com nada.

Portanto ao se constatar que essas características nada têm de natural e são em grande parte, produto de uma imposição arbitrária do poder simbólico. Acabam por produzir determinadas interpretações do passado a partir da imposição dos signos que pretensamente representam a memória coletiva.

O passado, desta maneira, tem várias histórias, e a verdade única, acabada e incontestável não existe. Foram vários grupos cada qual com suas características e resistências. As pessoas não precisam escolher a memória do branco, colonizador, mas da mulher simples guerreira, dos trabalhadores que constroem coisas cotidianamente, de um povo que mesmo com tamanha imposição cultural lutou e resistiu. Mesmo silenciados, a história e suas várias abordagens busca ouvi-los, evidenciar a trajetória de grupos e pessoas deixados pela narrativa á muitos tempo consagradas.

É de fato as sociabilidades, as construções e interconexões culturais que nos interessou, o que acontece com pessoas “desimportantes”, quais suas histórias, suas sensibilidades, dando prestígio a pessoas simples. Foi possível observar como o centro da cidade era concebido pelos mesmos sujeitos: espaço de convivência, de vivência culturais e trabalho. Em nenhum momento essas pessoas citaram museus, casa, igrejas, monumentos.

Ser vilaboense ultrapassa a unidade de um passado comum, de lugares representativos, de uma memória coletiva imposta. Ser vilaboense é sentimento pela relação intrínseca com a cidade, com seus moradores e com a história que se escolhe pertencer. Ser vilaboense é mais que identificação com monumentos, é se reconhecer no outro, no imaterial, na plenitude de ser aceito e acolhido do jeito que é.

Os sujeitos que surgem no decorrer do trabalho são também representantes do passado, daqueles marginalizados, segregados, trabalhadores, sujeitos históricos. Os maus costumes, ou determinadas condições sociais e financeiras acabam por ditar lugares, atribuir

valores e rotulações. A apropriação do espaço central por estas pessoas é interessante, pois mostra um novo significado para o mesmo, que ultrapassa ideais exaltadas.

O trabalho discutiu o processo de formação de cidades, especificamente de Goiás, seu contexto e conseqüentemente a construção da cultura, dos valores, das crenças das representações que impôs-se sobre outras. Pensando em espaços de tradição e oficiais o trabalho trouxe o estudo da exposição temporária que ocorreu no MUBAN da Cidade de Goiás, intitulada: Sim, estou vivendo, registros fotográficos de uma sociedade plural, inaugurada durante a 6ª Primavera dos Museus (2012), evento criado pelo IBRAM, em comemoração ao início da primavera.

Vale lembrar que esse espaço museal local foi, no passado, o lugar onde as normas oficiais da Colônia ao Império, se instalaram. Portanto, importante símbolo da arquitetura urbana vilaboense para a memória material preservada nesta cidade que é Patrimônio da Humanidade. Lançou-se olhos para aquilo que, até então, era extraordinário, sem nobreza, sem riqueza. Esses grupos que se diferem da normalidade social costumam ser motivo de curiosidade, especulações e, acima de tudo, de preconceitos.

Nessa exposição grupos marginalizados, segregados foram homenageados, tendo visibilidade, valorização enquanto seres humanos que ocupam este espaço oficializado por tradições. Evidenciar a presença de personagens que, por algum tempo estiveram ausentes das narrativas tradicionais que se consolidaram no centro histórico vilaboense significou também repensar o passado e a partir daqueles que, de fato foram silenciados pela história urbana da localidade.

A Sociomuseologia se preocupa e se compromete com a redução das desigualdades e injustiças sociais, é responsável por tornar os museus um espaço vivo e, também, habitado pelas minorias. Memória e patrimônio se interligaram com o intuito de dar visibilidade às comunidades populares.

Na realização do trabalho foi possível perceber que a exposição de fato chocou uma boa parte da população e espaços tradicionais, pois englobou pessoas sem nenhum prestígio, mas pelo contrário, muitos que sofrem com preconceitos e julgamentos da sociedade. Essa ideia levou vida aos museus, levou gente, povo com histórias que fogem de padrões.

Analisar a convivência dessas pessoas com a sociedade no geral requer sensibilidade, humanizar-se, para que possa ver o outro com dignidade reconhecendo-o como humano contribuinte da história da localidade que pertence. No terceiro capítulo foram inseridos três novos personagens: Olevane mais conhecido como Tio do algodão doce, João Luiz conhecido como Tio da pipoca e Abadia mais conhecida como Badiinha. Tais pessoas fazem parte do

transito identitário da cidade, e do centro. Personagens que chamam atenção e como demais sujeitos merecem serem escutados.

Inseri-los às narrativas históricas que se compõem na cidade foi importante para demonstrar que a História é composta por diversidades. O humano tem riqueza em seu modo de representar, existir no mundo, em seus hábitos, ideias, invenções; tudo é válido para que se percebam as várias heranças que compõe a trama historiográfica. Sendo um trabalho que buscou inserir pessoas de um simples cotidiano, falar de “gente” ao invés de monumentos já consagrados. Ter contato com essas experiências e trazê-las para o espaço universitário significa humanizar-se e também valorizar o simples, numa busca constante por sensibilidades que ultrapassem poder e tradição.

A relação destes três sujeitos com a sociedade no geral é boa, mesmo que grande maioria da população não saiba detalhes sobre suas histórias, vendo-os apenas como personagens que levam alegria e contribuem de maneira positiva para vida e para cultura da cidade.

Ao usar imagens, fotografias dos entrevistados; percebe-se o leque que se abre, para que as pessoas ganhem rostos, corpos, nomes, gestos e identidade, segundo Barbosa (2017, p.194) “elas podem ser entendidas como testemunhas que capacitam o historiador a aproximar-se da experiência do real a fim de dar-lhe um sentido”. É nas imagens que o está aparente e o que é “verdadeiro” de fato andam uma ao lado da outra. A imagem fotográfica, portanto, é formadora de uma consciência social, cultural, emocional e educacional.

Dessa maneira a construção do trabalho veio ao encontro de novas abordagens e oportunidades de pesquisa, um vez que segundo Keith Jenkins (2001); “(...) a história foi e será produzida em muitos lugares e por muitas razões diferentes” (p.43), sem que se esgotem as possibilidades de repensar e reconstruir a história principalmente daqueles que estiveram às sombras dela por tempos.

FONTES:

Girlene Chagas Bulhões_ Entrevista realizada em: 14/07/2017.

Milena Curado_ Entrevista realizada em: 14/07/2017.

Irani José dos Santos_ Entrevista realizada em: 10/10/2017.

Dona Neide e Fabricio Luis_ Entrevista realizada em: 16/10/2017.

Olevanio Antônio dos Santos_ Entrevista realizada em: 17/10/2017.

João Luiz Jacinto_ Entrevista realizada em: 17/10/2017.

Certidão de Nascimento de Maria Abadia Pereira da Silva.

Documento de identidade e comprovante de residência de Maria Abadia Pereira da Silva.

Reportagem sobre Abadia / 2017. Cópia do acervo de Marly Mendanha.

Manuscritos avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal. Coord. José Mendonça Teles et` al. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura/IPEHBC, 2001.Doc. nº 26, 11 de Fevereiro de 1736, Provisão Régia de D. João V, dispendo sobre a criação de uma Villa para sede da Capitania de Goyaz. Transcrição: Milena Bastos Tavares, historiadora, documentalista e arquivista do Museu das Bandeiras.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
- ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. 2º ed. Goiânia: Editora Viera, 2009.
- ATAÍDES, Jézus Marco de. A chegada do colonizador e os Kayapó do Sul. In: *Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural*. MOURA, Marlene Castro Ossami de (coord.) Goiânia: Ed. Vieira/Ed. Kelps, 2006.
- BARBOSA, Raquel Miranda. *Muito Além das Telas Douradas: cidade e tradição em Goiandira do Couto (1960-2001)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia: 2017.
- BARROS, Manuel, Retratos do artista Quando Coisa, disponível em: <<http://retratosdoartistaquandocoisa.blogspot.com.br/>> acesso em 12/11/17.
- BATISTA, Jandré Corrêa. *A Fotografia como Discurso: alteridade, etnologia e comunicação*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Edição 4 – São Paulo: 2010.
- BELCHIOR. Como nossos pais, disponível em: <<https://letrasweb.com.br/belchior/como-nossos-pais.html>>, acesso em 12/11/17.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAMPOS, Francisco Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.
- CLAUDINO, Lara Pelhus Gomes. ACESSIBILIDADE SOCIAL “INVADINDO A PRAIA” DE UM MUSEU TRADICIONAL DA CIDADE DE GOIÁS. Goiás: 2016.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org); 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- DELGADO, Andreia Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “patrimônio da humanidade”. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2005.
- DOSSIÊ: proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade. Goiânia: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1999. 1 CD-ROM.
- FERREIRA, Giovandro. *Paradigmas do Campo Comunicacional relacionados com a Antropologia*. Salvador: Anais do XXV Congresso de Ciências da Comunicação, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Iphan, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. *Introdução: A invenção das tradições & A produção em Massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914*. In: Eric Hobsbawm e Terence Ranger *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC, 2006.

MARQUES, Octo. *Cidade-mãe: casos e contos*. Goiânia: Cerne, 1985.

NORA, Pierre. *Entre memórias e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e História Cultural*. 2º ed. I reimpressão. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias*. Revista Brasileira de História, Vol 27, nº 53, Rio de Janeiro: 2007.

POLLACK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Reflexões sobre a Nova Museologia*. Cadernos do CEOM – Museologia Social: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, SC, v. 18, n. 18, p. 93-138, dez. 2002. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363/272>>. Acessado em julho 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

TALGA, Dagmar Olmo. *Prostituição, Gênero e Preconceito na Cidade de Goiás*. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFG: 2015.